

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

REGINA DA SILVA LIMA

**Era Uma Vez: Histórias Infantis Clássicas,
Novas Metodologias e Tecnologias**

**Porto Alegre
2015**

REGINA DA SILVA LIMA

**ERA UMA VEZ: HISTÓRIAS INFANTIS CLÁSSICAS, NOVAS
METODOLOGIAS E TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:
Dra. Ana Vilma Tijiboy

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Alexandro, companheiro e amigo, pelo amor, paciência e incentivos constantes.

A minha orientadora, Dr^a. Ana Vilma Tijiboy pela dedicação e atenção dispensadas presencial e virtualmente.

À tutora Querte Mehlecke, que me acompanhou durante o curso respondendo com paciência as minhas dúvidas.

À tutora Cristiane de Souza Abreu pelo auxílio no desenvolvimento do curso.

À tutora Lediane Raquel Woiciechoski pelas ideias e sugestões na construção do trabalho final.

Aos alunos participantes desta pesquisa, que enriqueceram esta monografia.

À minha família pelo amor incondicional...

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo...
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou...
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma...
Fernando Pessoa

RESUMO

A presente monografia pretende avaliar a contribuição do computador como tecnologia digital em uma atividade de releitura de histórias infantis clássicas, como forma de incentivo à autonomia e autoria dos alunos. Sabe-se que a grande evolução tecnológica e a velocidade com que a mesma se insere nos mais diversos ambientes, resultou em uma mudança comportamental no ambiente escolar: de um lado, alunos rodeados por inovações tecnológicas que relutam em demonstrar interesse pelas aulas tradicionais, do outro lado, professores despreparados para tanta tecnologia, preocupados em oferecer aulas com qualidade. Diante dessa realidade, esta pesquisa inicia-se a partir da evolução social das Tecnologias da Comunicação e Informação, suas potencialidades e desafios, bem como, as novas formas de comunicação existentes. Abrange-se as transformações vivenciadas pela escola, desde as características dos alunos até o novo papel do professor. Aborda-se os estudos sobre Alfabetização e TIC, sendo que as informações obtidas refletem a relevância de introduzir-se a tecnologia como apoio à leitura e escrita. A metodologia constitui-se a partir de uma experiência realizada com um grupo formado por 5 crianças, alunas de uma mesma escola municipal de Canoas, matriculadas no 2º ano do ensino fundamental, na qual as mesmas deveriam criar a releitura de algum conto clássico infantil, apropriando-se como modelo as atividades desenvolvidas anteriormente pela professora, reformulando sua sistemática com o auxílio de um editor de texto. Com base nesta experiência acredita-se que as práticas de leitura e escrita aliadas aos recursos tecnológicos podem proporcionar avanços para a alfabetização, oportunizando o desenvolvimento da autonomia e da autoria em relação à escrita. Os aspectos observados refletem a importância de futuros planejamentos mediados pelas TIC.

Palavras-chave: Alfabetização. Autoria. Releitura. TIC.

**Once upon a time: Stories for children classic,
new methodologies and technologies**

ABSTRACT

This monograph intends to evaluate the contribution of the computer as digital technology in a activity of rereading of classic children's stories as a way to encourage autonomy and authorship of the students. It is known that the great technological evolution and the speed in which it is inserted in many different environments, resulting in behavioral change in school environment: on one side, students surrounded by technological innovations are reluctant to show interest in traditional classes, on the other side, teachers unprepared for so much technology, worry about offering classes with quality. Given this reality, this search will start from the social evolution of information and communication technologies (ICT), its potential and challenges, as well as the new existing forms of communications. It covers the transformations experienced by the school, since the characteristics of students to the new role of the teacher. It discusses the studies on Literacy and ICT, and the obtained information reflects the relevance of introducing the technology as support for reading and writing. The methodology will be constituted from an experiment conducted with a group of 5 children, students of the same city school in Canoas, enrolled in the 2nd grade of elementary school, in which the same would create a rereading of some classic Children's tale, appropriating as model activities developed previously by the teacher, reformulating its systematic with the help of a text editor. Based on this experience it is believed that the practices of reading and writing allied to technological resources can provide advances for literacy, providing opportunities for the development of autonomy and authorship in relation to writing. The aspects observed reflect the importance of future planning mediated by ICT.

Keywords: Literacy. Authorship. Rereading. ICT.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Quadro: Paradigmas em educação	27
Figura 2 - Livro Chapeuzinho Vermelho.....	39
Figura 3 - Livro Rapunzel.....	39
Figura 4 - Livro os Três Porquinhos	40
Figura 5 - Livro A Bela Adormecida.....	40
Figura 6 - Livro Os Três Jacarezinhos.....	41
Figura 7 - Livro Chapeuzinho Vermelho – Uma aventura borbulhante	41
Figura 8 - Livro Chapeuzinho Amarelo.....	42
Figura 9 - Capa do DVD Malévola.....	42
Figura 10 - Capa do DVD Enrolados.....	43
Figura 11 - Releitura de Marcos e Lúcio	44
Figura 12 - Releitura de Karina	44
Figura 13 - Releitura de Yara.....	45
Figura 14 - Releitura de Juliana	45
Figura 15 - Releitura de Marcos e Lúcio	49
Figura 16 - Releitura escrita à mão de Marcos	49
Figura 17 - Releitura escrita à mão de Lúcio.....	50
Figura 18 - Releitura de Yara.....	51
Figura 19 - Releitura de Karina	53
Figura 20 - Releitura de Juliana	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	Educação à Distância
SI	Sociedade da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NOVOS CAMINHOS POSSÍVEIS COM AS TIC	13
2.1 Potencialidades	14
2.2 Riscos e desafios na era digital	17
2.3 Formas de Comunicação	19
3 A ESCOLA E SUAS TRANSFORMAÇÕES	22
3.1 Homo Zappiens	22
3.2 O novo papel do Professor	24
3.3 Engajamento	28
4 ALFABETIZAÇÃO E TIC	31
5 RELATO DE EXPERIÊNCIA	36
5.1 Objetivo Geral	36
5.2 objetivos Específicos	36
5.3 Sujeitos	36
5.4 Metodologia	36
5.4.1 Produção textual dos alunos	44
5.4.2 Cronograma	46
6 ASPECTOS OBSERVADOS E DISCUSSÃO	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS COM OS ALUNOS	62
ANEXO A - RESPOSTAS DOS ALUNOS NA ENTREVISTA ANTES DA RELEITURA	63
ANEXO B - RESPOSTAS DOS ALUNOS NA ENTREVISTA DEPOIS DA RELEITURA	65
ANEXO C – RELEITURAS ESCRITAS À MÃO	66

1 INTRODUÇÃO

É fácil constatar no cenário escolar brasileiro grande descontentamento por parte dos principais atores – os alunos. Problemas de conduta, hiperatividade, déficit de atenção, falta de interesse e de engajamento, baixa assiduidade e desmotivação são relatados por professores em qualquer escola. No entanto, será que os “problemas” são apenas os alunos em si? Será que a escola não está se mostrando suficientemente interessante com o que ensina ou pretende ensinar? Como mudar essa situação? Será que ela está em sintonia com os novos tempos? E o que os docentes podem fazer para reencantar a escola?

Perceber que os tempos mudaram e que conhecer melhor os alunos, suas características e os novos recursos tecnológicos é fundamental. Trabalhar neste contexto visando contribuir para uma transformação rumo a esse reencantamento da escola é o desafio de todo docente comprometido com a qualidade da educação.

Tradicionalmente, a escola percebe-se como única detentora do saber, cabendo a ela, portanto encher “caixas vazias” (os alunos) e a estes reproduzir o que lhes foi passado. Neste paradigma educacional não há espaço para a criatividade, nem para a autoria. Mais especificamente no trabalho com alunos dos primeiros anos do ensino fundamental, como inovar? No entanto, acredita-se que uma mudança significativa implica justamente em incentivar esses aspectos (criatividade e autoria) a fim de formar cidadãos ativos e críticos.

Visando caminhar rumo a um paradigma novo de educação é que esta monografia propõe na sua parte prática, uma experiência que combina tecnologias já existentes (livros impressos e vídeos de histórias infantis clássicas), metodologias que coloquem o aluno como ativo no processo da escrita (atividades de releituras) e tecnologias digitais (computador). Avaliar a contribuição da proposta é o objetivo principal na busca por resultados e processos gratificantes e que contribuam para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

A educação pode passar por transformações significativas no que diz respeito à introdução de novas metodologias apoiadas na inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Acredita-se que é este cenário que a tarefa de alfabetizar deve levar em consideração, pois hoje em dia, a alfabetização requer a união de estratégias que

envolvam tecnologias digitais com alguns elementos tradicionais. Isto é, não se trata de migrar completamente para cenários virtuais de educação, mas usar livros impressos, por exemplo, e realizar a escrita com programas ou aplicativos que facilitem a expressão de releituras e com isso que incentive a autoria e a criatividade nos alunos.

Assim, partindo do pressuposto de que as TIC podem trazer alguma contribuição para o alcance de um melhor desempenho escolar dos alunos, o trabalho desenvolvido com eles, e que compõe parte desta monografia, busca avaliar o apoio tecnológico em atividades de releituras de histórias infantis clássicas, como forma de aprimorar a leitura e escrita e incentivo à autoria.

O tema desta monografia é, pois, a contribuição do computador como tecnologia digital em uma atividade de releitura de histórias infantis clássicas. A forma de abordar tal tema inicia-se no capítulo intitulado “Novos caminhos possíveis com as TIC” no qual se abordam as novas competências que as TIC desenvolvem. Apresentam-se também, algumas potencialidades das mídias, as consequências e riscos da nova era em que vivemos e as diferentes e novas formas de comunicação que surgiram com o auxílio da tecnologia, ressaltando o cuidado na implantação adequada da mesma.

O terceiro capítulo trata da escola e suas transformações, analisa-se como as tecnologias atuais podem contribuir a favor da educação, trazendo ao leitor uma ideia da evolução tecnológica dentro do ambiente escolar. Assim, ao pesquisar sobre as TIC na educação é necessário refletir sobre quem é o aluno que a escola recebe hoje e quais as características dessa nova geração. Do mesmo modo, é conveniente falar sobre as características atribuídas ao professor da era digital, bem como, de uma formação continuada. A respeito de engajamento, aborda-se a importância de envolver o educando na atividade despertando seu interesse pela sala de aula, aspectos fundamentais para a alfabetização.

O quarto capítulo, “Alfabetização e TIC”, constitui-se da teoria que embasa mais especificamente esta monografia, traçando um panorama sobre alfabetização e tecnologia. Objetiva-se demonstrar que a utilização das tecnologias no cotidiano é um caminho que tende a se expandir cada vez mais. Dessa forma, é importante pensar em como integrar o aluno ao mundo digital, analisando-se as diversas possibilidades de a criança desenvolver sua autonomia e autoria com o auxílio da tecnologia, avaliando-se as novas maneiras de ensinar na cibercultura.

O quinto capítulo, “Relato de experiência”, é dedicado à experiência realizada com uma turma de 2º ano do ensino fundamental, constituída da utilização de um editor de texto como meio de proporcionar a releitura de histórias infantis clássicas, tendo como objetivo geral observar e refletir sobre a contribuição que a metodologia combinando histórias infantis clássicas, atividades de leituras e tecnologias trazem à alfabetização. Além de exporem-se os objetivos específicos os quais são: desenvolver e estimular a leitura e escrita; avaliar a contribuição de um editor de texto para a alfabetização em tarefas de reescrita, apresentam-se a justificativa dessa proposta pedagógica, os sujeitos envolvidos e a metodologia. Assim, esta monografia apresenta o relato de uma experiência que se considera interessante para compartilhar com outros professores, pois revelou diversos aspectos importantes sobre possíveis contribuições das TIC como componente da proposta de releitura apresentada.

No sexto capítulo, encontram-se os resultados. Nele, apresentam-se os dados obtidos e realiza-se a sua análise, reflete-se então, sobre os pontos positivos e negativos desta proposta de trabalho.

Finalmente, as considerações finais constituem-se nas principais aprendizagens resultantes desta monografia, enquanto docente/pesquisadora, sistematizam-se os pontos principais deste estudo, ficando abertas futuras possibilidades de ampliação da pesquisa.

2 NOVOS CAMINHOS POSSÍVEIS COM AS TIC

Hoje em dia, deve-se considerar que os alunos que chegam às escolas são ágeis, rápidos e, com maior domínio tecnológico que aqueles de décadas anteriores. No entanto, na escola, ainda existe o costume de desenvolver atividades que foram passando de professor para professor, sem a preocupação de atualizá-las e sem levar em conta o novo contexto social dos alunos. Como se não bastasse oferecer materiais ultrapassados, os docentes evitam agregar o uso de tecnologias ao planejamento. Para Lorenzi e Pádua (apud ROJO, 2012) um exemplo disso é que a escola ainda se restringe ao texto impresso e não prepara o aluno para a leitura de textos em diferentes mídias.

Frente a esse cenário, é importante refletir até que ponto a escola está acompanhando a evolução social de sua época, assim como, saber quem é o novo aluno e qual deve ser o papel do professor frente a esse cenário.

Com base nesses três aspectos parece lógico que o que falta ao planejamento dos professores é encontrar algo que estimule e resgate o interesse dos educandos, tornando o processo de ensino-aprendizagem eficaz e interessante. Então, por que não trazer a tecnologia para a sala de aula, esse recurso que tanto fascina as novas gerações e que é parte vital da era digital?

A evolução das TIC vem continuamente mostrando a importância de a escola estar em maior sintonia com os novos tempos e a necessidade de constante atualização por parte dos docentes, sob pena de permanecer estanques e obsoletos. Não são apenas computadores e celulares os artefatos culturais criados e adotados pelo ser humano, mas muito daquilo que nos cerca e que se faz imprescindível ao dia-a-dia. O carro, a geladeira, a televisão, a cafeteira, entre outros se tornam cada vez mais sofisticados e multifuncionais. São tempos modernos de equipamentos em constante aprimoramento para revolucionar e facilitar a vida do ser humano. Nesse movimento de aperfeiçoamento e invenções, aponta Coll e Monereo (2010, p. 18):

Com a chegada dos sistemas de comunicação analógica, primeiro o telégrafo e, posteriormente, o telefone, o rádio e a televisão, as barreiras espaciais foram rompidas definitivamente e a troca de informações em nível planetário passou a ser realidade.

A isso se soma à chegada das TIC no ambiente escolar, abrindo uma gama de possibilidades para o professor apresentar aulas em Power Point, a capacidade de

realizar pesquisas na internet, o compartilhar vídeos e textos através do ciberespaço, facilitando a educação à distância (EAD) permitindo contatar pessoas em lugares inimagináveis, além de tantas outras situações que prometem auxiliar os docentes, resgatando de volta os alunos, no reencantamento da escola.

Outro aspecto a ressaltar é a importância da colaboração entre aluno-aluno e aluno-professor, assim como, os trabalhos em grupos e o auxílio mútuo no momento da aprendizagem, situações que estão mudando com as chegadas das TIC, deixando de lado o individualismo na sala de aula.

Além disso, a introdução da tecnologia na educação permitiu um grande avanço em relação à interação com outras pessoas em lugares remotos e de culturas diferentes, permitindo a descentração de pontos de vista e com isso estimulando o repensar sobre pontos “óbvios” ou sobre fatos tidos como “verdades únicas” seja em situações de ensino ou de lazer e socialização. Tudo isso é novo e muito enriquecedor, impensável em tempos remotos.

No entanto, apesar das novas possibilidades que as TIC oferecem hoje, convém não as superestimar ao extremo, no sentido de que, por si só resolverão os problemas das escolas. Nessa lógica, cabe utilizá-las com critérios e não em demasia, para não correr o risco de passar a depender das mesmas, pois, muitas vezes, o excesso prejudica o desenvolvimento do ser humano.

2.1 Potencialidades

Na vida cotidiana deslumbrados com as novas tecnologias esquece-se de refletir sobre os verdadeiros valores e contribuições destas. Adultos, adolescentes e crianças utilizam indiscriminadamente celulares, notebooks, tablets e seus aplicativos, na maioria das vezes, sem qualquer preocupação ou criticidade sobre o conteúdo que acessam.

No campo educacional não é diferente, o que deveria ser motivo de inovação revela-se apenas mais material didático, acumulado e sem fim pedagógico. No entanto, mudanças devem ocorrer, pois hoje a escola está recebendo o aluno pertencente à Geração Z, aquele nascido a partir dos anos 2000 e também conhecido como Nativo Digital (GABRIEL, 2013). Esse aluno exige atenção especial, ele requer a preparação

do docente para dialogar de igual para igual, sem a hierarquia que em tempos passados era natural.

Frente a esses novos desafios, como a escola pode contribuir? A partir dessa pergunta é preciso se pensar em como aproveitar as potencialidades tecnológicas na escola, visando o protagonismo dos alunos. Um adequado aproveitamento da tecnologia, por exemplo, diz respeito à pesquisa. Se antes o aluno tinha como auxílio apenas o livro didático, hoje ele dispõe de meios para realizar pesquisas em bibliotecas mundiais aliando variedade de informação e rapidez de busca.

Nota-se também que nas escolas, a inserção da tecnologia está auxiliando nas questões burocráticas e proporcionando um melhor aproveitamento do tempo aos professores. Já existem softwares específicos para os docentes comunicarem-se com a sua secretaria correspondente e transmitirem informações importantes tais como: chamadas, notas, conteúdos, programas do trimestre, entre outros. O que antes fazia-se no papel, hoje tem seu ritmo acelerado pelo computador.

Além disso, alunos e professores têm se beneficiado com as diversas opções de sites construídos com fins educacionais. Atualmente, editoras responsáveis pelos livros didáticos, distribuídos nas escolas, tem percebido a importância dos conteúdos digitais na formação dos alunos, como meio de auxiliar o seu trabalho.

Outra grande potencialidade no ambiente escolar é o uso da tecnologia como apoio no desenvolvimento da aprendizagem de alunos com deficiência. Esses educandos beneficiam-se com o uso do computador na sala de aula desenvolvendo sua autoestima e autonomia, porém a diversidade tecnológica nesta área é tão ampla que necessita de escolhas cuidadosas, às vezes, até mesmo soluções simples, mas que venham a colaborar no estímulo ao diálogo.

Além dos benefícios citados, percebe-se o atual ritmo no qual as informações se propagam, fazendo com que o ser humano adquira a habilidade de processá-las na mesma velocidade. Hoje vive-se em uma sociedade conectada e acompanha-se um intenso fluxo de informações, no qual tudo é instantâneo e os resultados, segundo Moran (2000) precisam ser imediatos.

E assim como ocorre com a tecnologia, a linguagem tem se modificado junto com a sociedade, pois cada vez mais a fala e a escrita são exercitadas através de processos comunicativos diferenciados, que necessitam de respostas rápidas. Igualmente, as formas de comunicação modificaram-se. Se antigamente o telefone, o

telegrama e a carta eram os principais meios de comunicação envolvendo longas distâncias, hoje a gama de opções é bem maior e o tempo envolvido mais curto. A inserção de novas tecnologias no campo informativo ampliou e agilizou a interação humana. A respeito dessa reflexão, pode-se pensar com Moran (2000, p. 20):

Na maior parte das situações do dia-a-dia utilizamos um tipo de conhecimento polivalente, de resposta rápida, tipo vapt-vupt, um conhecimento que precisa responder a solicitações imprevisíveis que exigem soluções imediatas.

Sob uma perspectiva educacional, entende-se que, não basta um curso de informática para aprender o real potencial pedagógico das tecnologias. Atualização, desacomodação e motivação são fundamentais quando se trata de enfrentar os desafios. É preciso estar em contato diariamente com estas tecnologias, pois é uma área de atuação que muda constantemente, assim compreende-se não apenas o seu funcionamento, mas a melhor forma de aplicá-las em sala de aula. Com relação ao real potencial educacional, de acordo com Gabriel (2013, p. 12):

... as novas tecnologias tanto podem auxiliar como atrapalhar nos processos educacionais. A sua mera presença em si não é uma vantagem, mas o seu uso apropriado o é. Por exemplo, o fato de uma escola ou universidade possuir laboratórios não torna a educação melhor ou pior, o que vai determinar a qualidade da educação é como esse laboratório é usado por alunos e professores. Na mesma linha de raciocínio, o fato dos estudantes terem tablets e acessarem a internet durante as aulas pode tanto ser positivo quanto negativo dependendo do tipo e do objetivo de acesso à internet e de sua relação com os conteúdos educacionais da aula.

A advertência acima é bastante pertinente considerando-se o que ocorre muitas vezes nas escolas - diversas tecnologias utilizadas como meras ilustrações ou passatempos, sem qualquer proposta pedagógica inovadora ou com objetivos claros a serem alcançados. A esse respeito, Knobel e Lankshear (2013) alertam dizendo que usar a tecnologia não pode ser apenas dar cliques e abrir programas. É preciso saber como e quando usar uma ferramenta digital, de acordo com o contexto da execução de uma tarefa.

Ao mesmo tempo, a transformação da prática pedagógica deve reinventar-se continuamente, pois trabalha-se com uma definição de professor que orienta e motiva os alunos na busca de seu protagonismo.

2.2 Riscos e desafios na era digital

Se, por um lado, a internet apresenta com a autonomia e liberdade que provém da sua lógica baseada em hipertextos e sua possibilidade de leitura não-linear, por outro lado, excesso de informação pode representar um problema pelo sentimento de caos ou sufoco frente à imensidão de dados disponíveis.

Deixar a criança procurar sozinha por certas informações, sem qualquer auxílio, pode ser o começo para uma aula com grandes possibilidades de não alcançar o desejado. A orientação do professor é fundamental para o aluno localizar-se na imensidão de sites atrativos, mas sem nenhum conteúdo educativo.

Esse excesso de informação atinge também os docentes. Neste caso, dispor de tempo é fundamental quando se quer realizar uma pesquisa mais aprofundada a respeito do tema que se pretende ensinar. Segundo Gabriel (2013, p. 187):

Um dos desafios da educação na era digital é conseguir que, em meio a tantos estímulos e mídias digitais, os estudantes se interessem por tópicos educacionais essenciais à sua formação, não dispersem, aprofundem suas reflexões e adquiram pensamento crítico para solução de problemas.

Portanto, para o educador que visa aulas com qualidade, capazes de despertar o interesse e obter engajamento dos alunos, não basta apenas contar com a tecnologia, é necessário fazer um bom uso dela. O desafio de guiá-los por esta nova trajetória pode ser recompensado, pois acredita-se que quanto mais proporcionar o contato dos alunos com informações e quanto mais se proporcionar a reflexão sobre o que aí encontram incentivando-os a resolver problemas, mais criativos e questionadores eles poderão se tornar.

Os estudantes precisam desenvolver habilidades de saber selecionar as informações mais relevantes e confiáveis, tendo em vista a resolução de problemas. Redes sociais, e-mails, whatsapps, todos têm muito a contribuir com a comunicação e com a educação, porém, podem apresentar riscos para quem não tem noção ainda de privacidade. Quanto a isto, Gabriel (2013) enfatiza que, divulgar certas informações na internet pode trazer riscos pessoais de segurança e de reputação.

A simples divulgação de uma informação como a cidade na qual se mora, pode representar um perigo iminente. Por exemplo, o controle dos habitantes de uma cidade que não estão em casa, pode ser feito através do sinal de internet do computador. Ou

ainda, uma criança sozinha em casa com o computador à disposição é potencialmente um ser apto a divulgar informações em excesso. Gabriel (2013, p. 178) alerta: “Especialmente os jovens são mais ativos no compartilhamento de informações on-line, e isso pode colocá-los em risco, bem como os seus relacionamentos”.

A afirmação acima nos leva a outra reflexão: O objetivo principal dos jovens é se sentir aceitos. Para isso o anonimato da internet pode ser visto por eles como algo positivo rumo a essa aceitação. O jovem quer se comunicar, quer conhecer pessoas diferentes e se sentir pertencente a um grupo, por isso, muitas vezes, ele estabelece conexões com pessoas que não conhece, mas que são capazes de seduzi-lo verbalmente. Portanto, é no sentido de troca de informações seguras que pais, alunos e professores podem auxiliar-se.

Assim como quando o perigo estava apenas na rua e ainda assim os pais confiavam e deixavam sair, com a internet ocorre o mesmo, é preciso cuidado ao permitir que o jovem conheça seus limites e os possíveis perigos. Dessa maneira, “preparação” é a palavra importante conforme Gabriel (2013, p. 179):

Antes de enfrentarem o mundo sozinhos, os jovens precisam usufruir de um processo de educação e preparo para que consigam se tornar cidadãos capacitados a lidar com os riscos e as oportunidades que se apresentam.

Para pais e educadores pode ser difícil e contraditório deixar o jovem se aventurar por esse vasto mundo da tecnologia sem parecerem permissivos ao extremo, contudo, sabe-se que não é possível evitar os momentos a sós entre o filho e o computador. Em casa ou na escola eles buscarão o acesso à internet, a diferença está na orientação que ele terá. Dando continuidade ao assunto, a referida autora explica:

Da mesma forma que somos educados desde crianças, por pais e professores, para sabermos como nos comportar em sociedade, construindo nossa imagem por meio das roupas que vestimos, o que falamos em cada contexto e como o fazemos, é essencial que todos sejamos educados também digitalmente para construir a nossa reputação digital da mesma forma que aprendemos a fazer no mundo analógico (GABRIEL, 2013, p. 185).

Esta orientação precisa ser unânime no discurso de ambos, pais e docentes. Não é suficiente que o aluno chegue instruído da escola, com atitudes de segurança para uso da internet se os pais também não se preocuparem.

Não basta apenas proibir sem explicar os motivos dessa proibição, isto é, os riscos sérios a que se está exposto, as consequências de algumas ações, os cuidados a serem tomados e o porquê disso são importantes. Explicar aos jovens a melhor forma de se comportarem no mundo digital visando preservá-los.

2.3 Formas de Comunicação

Com o auxílio da tecnologia, a comunicação avançou significativamente. Em tempos antigos, depender de cartas e telegramas era algo comum e demorado. Por isso, nem sempre se conseguia uma resposta a tempo, ou sequer se tinha certeza sobre o recebimento da mensagem. Hoje em dia, a informação chega mais rápido do que se pode pensar e de qualquer local.

O desenvolvimento das tecnologias vem encurtando tempos e espaços. Ferramentas como e-mails, mensagens instantâneas, videoconferências, entre outros, possibilitaram em frações de segundos falar com pessoas do outro lado do mundo. Encontram-se familiares que há muito não se vê, realizam-se negócios, estuda-se à distância.

Em vista da nova realidade, é possível refletir que as diversas conexões permitem o envolvimento em atividades sociais. É cada vez mais comum, por exemplo, ver as pessoas registrando a sua opinião na web, o que incentiva a troca de conhecimentos, proporciona o debate e pode estimular o pensamento crítico. Contudo, um dos aspectos mais relevantes segundo Coll e Monereo (2010, p. 60) é que navegar na internet envolve leitura e que a utilização de aplicativos como correio eletrônico, fóruns, chats ou blogs supõe escrever.

Essa relevância do ato de escrever, muitas vezes, está implícita na atividade que o professor disponibilizará. Ao entrar em contato com ferramentas que estimulem a comunicação e a criatividade o aluno pratica e aprimora sua escrita, mesmo sem se dar conta, e ainda que os erros ortográficos apareçam, eles também podem servir como indicadores para novas estratégias e intervenções na melhora da escrita.

E em meio a diferentes tecnologias, são tantas as opções de comunicação que parece impossível não se comunicar, até mesmo na escola, a comunicação via e-mail já é uma realidade, seja para a entrega de documentos administrativos ou para a troca de materiais de estudo entre professores e alunos. As possibilidades não se limitam a estas.

Algumas ferramentas de comunicação da internet permitem uma comunicação rápida com qualquer pessoa, independente do lugar onde a mesma está situada. Para isso, é necessário utilizar algumas das principais ferramentas de mensagens instantâneas, como por exemplo, o Windows Live Messenger, Google Talk, Skype e Yahoo! Messenger. Existe ainda a possibilidade de criar-se e-mails gratuitos, tais como Gmail, Hotmail e Yahoo! Mail. Através das citadas inovações, é possível conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, enviar arquivos durante as conversas, gravar vídeos ou enviar mensagens de voz, entre tantas outras atividades.

Desse modo, nota-se que, hoje, a internet é o centro de uma cultura marcada pelos “nativos digitais”, o que segundo Prensky (2001) é a definição que melhor descreve os novos estudantes, uma vez que todos nasceram e foram formados com a particular linguagem digital dos jogos de computador, vídeo e Internet. No entanto, existem ainda aqueles que precisam adaptar-se às mudanças tecnológicas, por não terem nascido com elas, estes, o autor os denomina como imigrantes digitais. Prensky explica, neste novo cenário, quem são estes sujeitos: Alunos que aprendem mais devagar, um pouco de cada vez e que apesar de não acompanharem os colegas querem se conectar, mostrar ao mundo que podem interagir.

Neste contexto, observa-se que a rapidez com que as informações são processadas não permite um tempo suficiente de raciocínio para quem está se adaptando às tecnologias. Por outro lado, acostumados com tamanho volume de informações, os nativos digitais podem não saber refletir adequadamente sobre aquilo que lhes é prioritário. Trazendo essa reflexão para a sala de aula, pode-se propor a colaboração entre ambos, nativos e imigrantes ou, mais precisamente entre alunos e professores, respectivamente, surgindo desta união diversas oportunidades para a resolução de problemas e trabalhos em equipe.

Além disso, manter contato com outras pessoas é o grande diferencial da comunicação via internet, visto que, os sujeitos e os relacionamentos mudaram e mudam constantemente. Através, por exemplo, de trabalhos cooperativos é possível resolver problemas com outras pessoas sem que elas estejam no mesmo local, como dito anteriormente. O acesso à internet permite que uma empresa possa realizar reuniões com diferentes filiais ao mesmo tempo ou ainda, receber suporte e apoio tecnológico sem a necessidade de deslocamento do técnico.

Um ponto relevante da comunicação via internet é a possibilidade de entrar-se em contato com novas culturas, conhecendo e trocando ideias sobre aquilo que se acredita e se produz. Estes modos de relacionamentos atuais aproximam as pessoas, segundo Tornaghi (2010) as diferentes culturas de diversos grupos se misturam em um caldo em que todas têm a sua importância e seu valor.

Este pensamento reflete-se na cibercultura, a qual permite uma nova configuração dos modos de relação, aproximando as pessoas a despeito das diferenças. No ciberespaço se vê claramente experiências bem-sucedidas de cooperação, onde se aprende uns com os outros e valoriza-se o conhecimento de cada um.

3 A ESCOLA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

3.1 Homo Zappiens

A experiência digital tem modificado as relações humanas de forma cada vez mais rápida e marcante. O cotidiano não é mais o mesmo se não se tem ao alcance da mão um controle remoto ou um celular e a rotina passou a ser controlada pelo conectar e desconectar. Veen e Vrakking (2009) relatam que com a televisão, as crianças aprenderam a interpretar imagens antes mesmo de aprenderem a ler, e a interagir. Rodeados por tanta informação, e tantas possibilidades de acessá-las, a vida digital passou a ditar o modo de viver.

Autores como Veen e Vrakking (2009) corroboram tal fato ao escreverem sobre a sensação de que com os controles remotos em games, televisão, etc. estão em situação de controle e são sujeitos e não objetos das ações realizadas. Segundo eles, é por essa razão que os alunos não têm paciência em ficar no papel de passivos, que é justamente o que a escola que segue o paradigma tradicional de educação lhes proporciona.

Na mesma vertente, os novos educandos que se recebe hoje foram constituindo-se a partir das mudanças tecnológicas, os nativos digitais de Prensky (2001) são denominados agora por Veen e Vrakking (2009) de geração “Homo zappiens”, seres que atuam na cultura cibernética global com base na multimídia. Estão sempre “acessando” algo, pois precisam estar sempre conectados com o mundo, para não correr o risco de ficar “por fora das novidades”. Características interessantes, pois ao contrário de alguns anos atrás, agora o jovem pode fazer-se protagonista de seu próprio aprendizado.

O Homo Zappiens de Veen e Vrakking (2009, p.29) cresceu em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa. Constata-se a veracidade desta afirmação ao observar-se que, hoje, os alunos estão bem informados, mesmo que não de posse de informações confiáveis. Mesmo assim, esse fato modifica o processo de ensino, segundo Braga (2012, p.13) os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi projetado para ensinar. Nosso ensino não está preparado para tanta

inovação, pois a sala de aula sempre foi tradicional e inanimada, no entanto é preciso admitir que o aluno mudou e o conhecimento mudou junto com ele.

As formas de aprender também mudaram e vários fatores influenciaram essa mudança como a utilização do controle-remoto, o surgimento dos canais a cabo, o telefone celular, entre outros. O caráter efêmero do interesse por algo vem preocupando pais e professores a respeito da falta de paciência ou concentração das crianças em um único foco. No entanto, Veen e Vrakking (2009, p. 29-30) desmistificam essa preocupação ao afirmarem que:

Os usos dessas tecnologias influenciaram o modo de pensar e o comportamento do Homo Zappiens. Para ele, a maior parte da informação que procura está apenas a um clique de distância, assim como está qualquer pessoa que queiram contatar. Ele tem uma visão positiva sobre as possibilidades de obter a informação certa no momento certo, de qualquer pessoa ou de qualquer lugar. O Homo Zappiens aprende muito cedo que há muitas fontes de informação e que essas fontes podem defender verdades diferentes.

O fato de estar cada vez mais conectado, porém, isolado do mundo no que diz respeito ao contato físico, parece fortalecer essa característica de querer controlar tudo. A internet enquanto meio social, fornece informações sobre qualquer pessoa, o usuário ao visualizar os dados de outros e disponibilizar as suas próprias referências, sente-se onipresente e capaz de interagir sobre qualquer assunto. Nesse sentido, afirma Gabriel (2013, p. 196):

Estamos, portanto, vivendo um momento inédito na história da humanidade em termos de conectividade humana – nunca tantas pessoas tiveram acesso a tanto com tão pouco. Nossas mentes estão cada vez mais conectadas, e isso favorece a inovação e criatividade.

“Cada vez mais conectados” segundo a autora, esse é hoje o fator de transformação social vigente, modificando o comportamento e os relacionamentos. Um exemplo disso é a educação à distância (EAD) que consegue promover a construção singular e coletiva do conhecimento, ampliando a noção de estudo e fornecendo subsídios para a inovação e criatividade citados anteriormente. Conforme Lévy (1999, p. 158): “A EAD explora certas técnicas de ensino à distância, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativas e todas as tecnologias intelectuais da cibercultura”, ou seja, a EAD promove ações educacionais inovadoras do ponto de vista tecnológico.

No que diz respeito à escola, ela pode auxiliar o aluno no seu desenvolvimento histórico e cultural dentro da sociedade ao proporcionar a interação em diversas mídias, pois o aluno transitará entre diferentes segmentos que trariam a oportunidade de buscar o máximo de conhecimento dentro do assunto estudado. No entanto, a escola ainda está defasada e precisa mudar. Quanto a isto, Perrenoud (2000) afirma que:

Em algumas profissões que dependem totalmente das tecnologias, a renovação das competências é evidente. No entanto, isto não acontece na educação escolar: nem o vídeo, nem o computador, nem a multimídia, até hoje, fizeram com que a profissão de professor mudasse.

Essa falta de inovação no ambiente escolar incomoda o docente preocupado em trazer mudanças ao ensino. A importância de aprender a utilizar a tecnologia vai além de variar-se a forma de dar aula, e é relevante no resgate de alunos e professores desmotivados. Porém, existe uma diferença relevante entre o Homo Zappiens (o aluno) e o professor: A linearidade. Conforme Veen e Vrakking (2009) o Homo Zappiens é caracterizado pela instantaneidade, por requerer respostas rápidas e se negar a ler instruções.

Nesta visão, parece difícil haver entendimento entre aluno e professor, pois o Homo Zappiens tem facilidade para os aparatos tecnológicos enquanto que o professor pensa que por caber a ele a responsabilidade de ensinar, deve primeiro aprender para depois incorporar os novos recursos em suas aulas. Este comportamento, segundo Presnky (2001) é típico dos que ele denomina imigrantes digitais, como visto anteriormente.

No entanto, espera-se que levar em conta essas transformações sociais e o uso de tecnologias resgate o interesse dos alunos e tragam de volta a motivação para a escola, cabendo ressaltar, contudo, que a tecnologia por si só não trará mudanças para a escola se não houver um imbricado envolvimento dos seus protagonistas.

3.2 O novo papel do Professor

A inserção das TIC no ambiente escolar trouxe novos e grandes desafios aos docentes, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional. Mais do que apenas aprender a utilizar essas tecnologias, está cabendo aos professores a responsabilidade de

incorporá-las para criar estratégias que possibilitem aos alunos aprendizagens significativas em sala de aula, resgatando seu encantamento para com a escola.

A realidade dos professores contrasta com a dos alunos. Estes últimos, nascidos em uma era impregnada pela tecnologia e acostumados ao constante uso de celulares e computadores demonstram grande familiaridade com as tecnologias em geral, mas principalmente com aquelas que propiciam comunicação, criação e interação, elementos que ainda faltam à escola. Moran (2000, p. 11) alerta para o fato de que “o campo da educação está muito pressionado por mudanças, assim como acontece com as demais organizações. Percebe-se que a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade”.

A pressão por mudanças faz com que se repense o que até agora é entendido como a função primordial da escola que é o ensinar, visto como o repasse de conteúdo, enquanto que ao professor está sendo atribuído um novo papel, o de mediador. Antigamente, o docente era tido como o detentor do conhecimento, aquele que transmitia informação aos seus alunos. Hoje, mais do que apenas se adaptar à utilização de novos recursos tecnológicos, lida-se com mudanças de paradigmas: Incentivar o aluno a compreender, produzir e compartilhar o conhecimento, ao mesmo tempo em que se aprende com eles. Deve-se preparar cidadãos para as novas exigências sociais e profissionais. Mas como fazê-lo se muitos professores ainda fogem da necessidade de revolucionar a aprendizagem?

Nas escolas públicas, a respeito da real situação dos professores, em se tratando de fluência tecnológica, nota-se que ainda há uma linha tênue que separa o planejamento da inserção das TIC. Esse assunto tem gerado polêmica entre os docentes, principalmente, com relação ao domínio de conceitos vinculados às TIC. A falta de intimidade com a tecnologia pode gerar resistência por parte dos mesmos no que diz respeito até mesmo para realizar cursos de formação na área.

Para inserir a tecnologia em seus planos de trabalho, primeiramente, o professor precisa tomar consciência de que o medo, em relação ao novo, pode ser um dos fatores para a ausência de renovação. Sabe-se que a mudança é difícil, porém, necessária conforme TIJIBOY (2001, p.45) sugere:

Com humildade, é preciso mudar posturas tradicionais, considerando que se vive num momento no qual o que se aprendeu hoje pode não ser mais válido amanhã, para tanto tem que se aprender a reaprender, ou simplesmente a aprender a aprender.

E aprender a reaprender às vezes não é fácil. Principalmente para uma categoria tão acostumada a apenas transmitir o conhecimento. Ser confrontado com o novo e conseguir mudar exige disposição e interesse. Saber se colocar como aprendiz pode ser o primeiro passo rumo a essa mudança, tanto quanto dar ao aluno a oportunidade de desenvolver a sua autonomia e autoria.

Da mesma forma, o docente deve proporcionar aos alunos a oportunidade de relacionar a teoria com a prática, enfatizando a importância de apropriar-se da tecnologia e promovendo a conscientização de seu uso em relação ao contexto educacional, com objetivos pedagógicos delimitados. Entretanto, ele precisa estar preparado para tal ação.

Alguns docentes já estão se adaptando à nova era, colocam-se como mestres e aprendizes, disponibilizando aos alunos a possibilidade de colaborarem entre si, interagindo, comunicando-se e transformando as atividades em motivação para aprendizagens com sentido. Segundo Boelter (2006, p. 20), já é possível perceber que:

Muitos professores já sentiram que precisam mudar a sua maneira de ensinar – querem se adaptar ao ritmo e às exigências educacionais dos novos tempos e anseiam por oferecer um ensino de qualidade, adequado às novas exigências sociais e profissionais.

Pode-se constatar que a tecnologia tem um papel relevante na colaboração aluno-professor, assim como nos trabalhos em grupos, pois é algo de grande interesse por parte das turmas. Em relação aos anos iniciais, o auxílio mútuo no momento de alfabetizar é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem. A tecnologia propicia a integração entre os pares e a troca de experiências proporciona o desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas, articuladas ao contexto educacional. E quando o aluno reconhece a importância da tecnologia na sua vida, ele compreende e sistematiza melhor o seu uso na sala de aula.

Por outro lado, o professor precisa ter em mente que a proposta de utilizar a tecnologia com os alunos vem de encontro ao fato de que é inevitável reconhecer o fascínio que elas exercem. Conforme Tijiboy (2001, p. 41):

Assim, se nos apresenta, agora, uma nova realidade que atinge a educação tradicional: temos que aprender um novo tipo de comunicação, a comunicação virtual e até reaprender a comunicação real; temos que aprender a voar de uma maneira, “navegando” dentro de um ciberespaço que não tem

limites, que não tem fronteiras; navegar livremente sem sair do lugar, explorando países e culturas distantes, áreas diferentes do conhecimento, “conhecendo” pessoas ou grupos de pessoas sem necessariamente estarmos juntos fisicamente. A grande dúvida pode ser: como abordar esta nova realidade?

A comunicação virtual promove, atualmente, a grande movimentação na vida social dos jovens, isso faz com que eles tentem se afirmar como pertencentes a um grupo, sempre conectados com o mundo. Dessa forma, a formação de professores deveria incluir necessariamente conhecimento e análise sobre os comportamentos e as habilidades da geração dos alunos atualmente, uma geração que nasceu sob “holofotes”, acostumada a filmar, fotografar, postar e curtir toda essa tecnologia.

Com o auxílio do quadro abaixo é possível observar mudanças de paradigmas em educação quando se acompanham as transformações sociais e tecnológicas da cultura vigente:

Figura 1 - Quadro: Paradigmas em educação

	Paradigma antigo (Era Industrial)	Paradigma novo (Era Digital/da informação)
Conhecimento	Transmissão do professor para o aluno.	Construção coletiva pelos estudantes e professor.
Estudantes	Passivos, “caixas vazias a serem” preenchidas pelo conhecimento do professor. Recebem ordens.	Ativos, construtores, descobridores transformadores do conhecimento. Tomam decisões.
Objetivo do professor	Classificar e selecionar os alunos.	Desenvolver os talentos dos alunos.
Relações	Impessoal entre estudantes e entre professor e estudante.	Pessoal entre os estudantes e entre professor e estudantes.
Contexto	Aprendizagem competitiva, individualista. Informação limitada.	Aprendizagem cooperativa e equipes cooperativas de professores, infinidade de informação.
Concepção de educador	Qualquer um pode ensinar.	Ensinar é complexo e requer considerável formação.

Fonte: FELLERS apud TIJIBOY, 2001, p. 53

Assim, ao analisar as características presentes no Quadro 1, é possível para o professor perceber se sua prática docente atual está ou não em sintonia com a era vivenciada e com o paradigma educacional mais adequado para tal. Algumas mudanças possíveis e desejadas, por exemplo, podem ser o de aproximar-se dos alunos a partir do

que eles pensam e fazem fora da escola. Assim como também estabelecer relações de cumplicidade com eles a fim de contribuir para o processo de aprendizagem. O docente pode repensar seu papel e perceber que precisa abandonar a condição de “autoridade” para ser visto como alguém que está na sala de aula para auxiliar o aluno a ter autonomia e desenvolver seus talentos e que pode também ser um aprendiz. Para tanto, o clima de harmonia e confiança deve prevalecer no processo ensino-aprendizagem.

3.3 Engajamento

Envolver o educando na atividade, despertar seu interesse, é fundamental para promover a criatividade frente a novas propostas de trabalho, pois este é um aspecto fundamental na participação ativa dos educandos. Conforme Lorenzi e Pádua (apud ROJO, 2012, p.38), para trabalhar nessa perspectiva, o professor deve engajar as crianças no processo e traçar estratégias que as levem do conhecimento prévio (do que elas já conhecem) à criação, dando um salto qualitativo.

Pressupõe-se que as práticas digitais na perspectiva da colaboração possam contribuir para desenvolver o engajamento dos alunos. Porém, mais do que apenas inseri-las no cotidiano, é importante que, durante as aulas, sejam ouvidas as opiniões dos alunos, incentivar que os mesmos tragam sugestões de assuntos a serem trabalhados, tirem suas dúvidas com o professor e troquem ideias com os colegas. Dessa forma, incentiva-se o interesse e o engajamento visando-se a autoria, em uma visão segundo a qual cada leitor dispõe de uma legitimidade própria (CHARTIER, 1998).

Promover debates e discussões é fundamental para aumentar a confiança e autoestima dos alunos frente às situações vivenciadas na aprendizagem. A troca de experiências em sala de aula conduz a relações de solidariedade, respeito e valorização das manifestações dos alunos. Conforme Moran (2000, p. 30):

Ajudar o aluno a acreditar em si, a sentir-se seguro, valorizar-se como pessoa, a aceitar-se como plenamente em todas as dimensões da sua vida. Se o aluno acredita em si, será mais fácil trabalhar os limites, a disciplina, o equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social.

O incentivo desses elementos poderá desencadear engajamento na turma, utilizando para isso, desafios e exercícios que estimulem a autonomia dos alunos e a empatia entre os colegas e o professor.

Para isso, os professores precisam deixar clara qual a intenção de se utilizar a tecnologia, pois isso é fundamental para que seja transmitida aos alunos a confiança no momento de realizarem as atividades.

Sendo assim, o professor não deve apenas chegar à sala de aula e proporcionar o uso da tecnologia aleatoriamente, mas deve-se estabelecer objetivos e verificar a intenção e o interesse dos alunos. A tecnologia sem finalidade não contribui para a aprendizagem.

Qualquer que seja a atividade proposta é necessário levar em conta as possibilidades e limites de cada aluno, variando as atividades realizadas. Sancho (2013, p. 7) declara que:

As crianças e os jovens estão imersos em ambientes literalmente bombardeados por estímulos auditivos, visuais e sensoriais em que experimentam vivências e realizam aprendizagens que ou não são consideradas, ou são abertamente rejeitadas pela escola.

Ou seja, com tanta variedade de estímulos, é preciso focar na importância de diversificar as estratégias de aprendizagem, fazendo um bom uso da tecnologia e atraindo o aluno para a sala de aula.

Muito mais do que conteúdo especializado (matemática, português...), é necessário que o educador tenha em mente que ele precisa conhecer o processo de aprendizagem de cada aluno. Esse aspecto torna-se de suma importância para a preparação das aulas, nas quais o educador precisa levar em consideração a singularidade de cada um, para favorecer a todos a oportunidade de aprender respeitando as diferenças que cada um apresenta.

Entretanto, atrair a atenção do aluno nunca foi tão difícil quanto nos dias de hoje. Com tantos estímulos visuais e de informação oferecidos por celulares, computadores, televisão e outros, continuar a dar aula apenas no quadro negro não parece muito convidativo à nova geração. Gabriel (2013, p. 187) afirma que “a atenção das pessoas está se tornando um bem cada vez mais escasso e disputado, e isso é particularmente importante na educação e aprendizagem”. Mas ao mesmo tempo, autores como Moran (2000) referem-se, especificamente, ao computador como um meio de comunicação extremamente poderoso para o ensino e aprendizagem.

Ser professor, atualmente, requer dar abertura para o aluno criar, ao invés de apenas reproduzir. E conseguir motivar as pessoas para que saiam da sua zona de

conforto e se mobilizem para agir é uma forma de engajamento. “Fazer os estudantes prestarem atenção em algo é o início, mas, para conseguir que eles experimentem e interajam, é necessário engajamento” (GABRIEL, 2013, p. 187).

Um professor interessado e comprometido com o que faz, pode alcançar resultados positivos se conseguir propor atividades significativas para seus alunos. Nesse sentido é que a referida autora manifesta que: “A atenção e o engajamento das pessoas com relação a algo estão diretamente associados à relevância que esse algo tem para elas” (GABRIEL, 2013, p.187).

Em suma, é possível dizer que o aprendizado está diretamente ligado ao interesse que as atividades escolares podem ou não despertar. Uma aula entediante leva o aluno à dispersão e ao não engajamento. Então, por que não trazer o diferente, o divertido para os alunos? Um ponto fundamental considerado por Gabriel (2013, p. 190), diz respeito à diversão. Segundo essa autora: “A diversão é um dos mais poderosos estímulos positivos que podem ser usados no engajamento, pois funciona como catalisador para mudanças de comportamento”.

Se antes a dúvida era como atrair a atenção do aluno, hoje essa pergunta pode ser respondida em parte através da inserção das TIC, que na educação servem para alavancar o engajamento do aluno. A nova realidade dos alunos trouxe a mudança para a sala de aula. Para Tijiboy (2001, p. 52): “É frente a esta nova realidade em radical transformação, que a educação deve refletir seu papel e propor novos rumos”.

4 ALFABETIZAÇÃO E TIC

O advento da tecnologia nas escolas trouxe muito mais do que inovação e rapidez às tarefas, trouxe a possibilidade de desenvolver a autonomia e a autoria dos alunos em ambientes marcados pela comunicação e interação (LORENZI; PÁDUA, apud ROJO, 2012) e em tratando-se de autoria, é importante trazer o que Chartier (1998) afirma, que cada leitor produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe, assim, a apropriação do texto pelo aluno é o que marca a característica de cada produção, pois a autoria supõe a expressão da subjetividade de cada um. Chartier (1998, p. 49) acompanha essa afirmação ao citar que:

Hoje, com as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto a reescritas múltiplas, são os próprios fundamentos da apropriação individual dos textos que se veem colocados em questão.

Atualmente, essas possibilidades fazem parte da alfabetização, a qual é considerada por estudiosos como sendo um processo cada vez mais desafiador, o qual proporciona diariamente reflexões sobre os novos tempos. Se antigamente era possível alfabetizar somente com lápis e papel, hoje não há motivos para não incluir as TIC nas atividades de alfabetização. Este é um processo que demanda tempo e paciência, Piccoli (2012) confirma que é impossível conceber a alfabetização como uma prática com início e fim em um mesmo ano letivo, esse tempo pode estender-se muito mais quando reflete-se sobre uma alfabetização atrelada às tecnologias e adequada aos dias de hoje. Para Moran (2000), ensinar/ educar é um processo, o autor argumenta que:

Os resultados da educação aparecem a longo prazo. Quanto mais avançamos em idade, mais claramente mostramos até onde aprendemos de verdade, se evoluímos realmente, em que tipo de pessoas nos transformamos (MORAN, 2000, p. 13).

Ao defender essa perspectiva Moran reforça a ideia de que a alfabetização se dá ao longo da vida. Percebe-se a validade dessas afirmações através da evolução tecnológica que está invadindo a sala de aula e fazendo com que o docente descubra novas maneiras de ensinar e de aprender, o que leva a uma das propostas desta monografia que é refletir criticamente sobre o que a escola está fazendo para adequar-se à realidade dos alunos, a partir deste novo cenário que se descortina. Quanto à nova

realidade Ferreiro (apud SANTOMAURO, 2013) destaca que com a ajuda dos recursos tecnológicos ocorrem práticas que levam à alfabetização “que corresponde ao nosso espaço e tempo”.

As mudanças na sociedade, iniciando pelo próprio termo sociedade para sociedade da informação, requerem novas estruturas na realidade educacional. Além da preocupação com a inserção das TIC no ambiente escolar, exige-se do docente um ensino personalizado para os diferentes níveis e estilos de aprendizagem (PICCOLI, 2012). Assim, em uma mesma sala é comum encontrar diferentes níveis de alfabetização, dessa forma, poder utilizar o computador em tarefas de alfabetizar pode ser um grande auxílio para desafiar os alunos.

Ampliando essa discussão, pode-se dizer que é ainda mais preocupante pensar no acesso às tecnologias, dentro de uma realidade na qual se tem alunos com dificuldades de aprendizagem, contudo, as TIC podem ser aliadas nestas situações se utilizadas com um bom planejamento. A este respeito, Almeida (2005, p. 173) descreve que entre as discussões sobre a criação de programas que permitam o acesso dos cidadãos ao mundo da leitura e escrita emerge também o desafio da utilização das TIC em todos os setores da atividade humana, não apenas na educação, mas também no trabalho e na socialização como um todo.

Nesta perspectiva, surgem novas configurações a partir da revolução tecnológica, a qual é marcada pela colaboração de sujeitos. Tijiboy (2001, p. 48) explicita sua crença de que há uma nova era em andamento, uma era marcada pela informação, com outra configuração, segundo a autora:

É a configuração de uma nova cultura: a cibercultura. Nesse contexto, poder-se-ia perguntar: deve primar a informação em si ou a construção de conhecimento a partir dela? A primeira opção implica em sujeitos passivos, subordinados a segundo plano; a segunda valoriza a atuação ativa dos sujeitos, o que implica necessariamente na apropriação e na reconstrução da informação pelos indivíduos, dando a essa, sentido próprio (TIJIBOY, 2001, p. 48).

Essa nova cultura requer que a escola desperte a autonomia do aluno apoiada em novos métodos. Em se tratando de autonomia, Paulo Freire (1996, p.25) em seu livro “Pedagogia da Autonomia” afirma que o respeito a ela está intimamente relacionado à ética e não a um favor. O avanço da aprendizagem do aluno está atrelado aos significados e propósitos que ele atribui ao que aprende conectando seu mundo com a escola.

Porém, nos últimos tempos, os papéis vem se invertendo, tanto em casa, quanto no ambiente escolar. As crianças aprendem muito rápido sobre as tecnologias, eles são processadores ativos de informação, resolvem problemas de maneira hábil, usando estratégias de jogo, e sabem se comunicar muito bem (VEEN; VRAKING, 2009, p. 12). A facilidade com que elas resolvem complexos problemas relacionados com o raciocínio lógico, encorajam e animam os professores na previsão de que o ensino tem a ganhar com essas novas características.

Nesta perspectiva, manter aceso o interesse dos alunos depende muito de como se articula os diferentes assuntos e de como se agregam recursos como as TIC ao ensino, suscitando a curiosidade da turma. Cabe ainda dizer que a conexão mais importante não é aquela tecnológica, mas a conexão docente-discente. Nesta perspectiva, Freire (1996, p.21) contextualiza o papel do educador da seguinte forma:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – *a de ensinar e não a de transferir conhecimento.*

Infelizmente, em grande parte das escolas, ainda se encontram a mesma sala de aula de anos atrás, na qual o professor aposta no quadro negro e nas cópias (PICCOLI, 2012), sem levar em consideração a subjetividade do aluno. Isso é um problema, pois com o uso das TIC a criança pode assimilar mais facilmente esquemas complexos em diferentes níveis cognitivos relacionados ao funcionamento e uso destes recursos.

Com relação aos meios nos quais a criança está inserida, Ferreiro (2001) salienta que em ambiente urbano, as crianças estão, desde seu nascimento, expostas às mídias. Levando-se em consideração uma sociedade em constante evolução tecnológica, essa afirmativa torna-se cada vez mais verdadeira e deve-se aproveitar para despertar a essência do aluno, que é a curiosidade. Cabe aqui uma fala de Freire que faz refletir sobre a construção do conhecimento a partir de diversas esferas, mas sempre mediado pela curiosidade:

Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1996, p. 15).

O acesso às tecnologias digitais também modificou nossa relação com a leitura e a escrita: não as usamos da mesma forma como nossos avós ou bisavós as usavam

(PICCOLI, 2012, p. 22), portanto não seria adequado definir um único método para diferentes estilos de aprendizagem. Para essa autora o conjunto das escolhas pedagógicas requer planejamento detalhado e objetivos claros para a alfabetização.

É importante ressaltar que a UNESCO reconhece a existência de múltiplas alfabetizações (COLL; MONEREO, 2010, p. 293) e é compreensível esta visão, pois a partir do momento em que a sociedade da informação ou SI (COLL; MONEREO, 2010) requer novas habilidades, faz-se necessário ampliar antigos conceitos. Coll (2014) acrescenta que as TIC pressupõem a existência de um reforço dos contextos tradicionais de atividades e desenvolvimento – a família, a comunidade ou o trabalho – como potenciais nichos de aprendizagem. Essa ligação entre ambos (contextos tradicionais e TIC) é reforçada através de uma citação de Chartier (1998, p. 9) quando o autor relata que “há, portanto, uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra”.

Sendo assim, inovar a aprendizagem requer diferentes estratégias educacionais, além disso, pode-se dizer que quanto à utilização das TIC as aprendizagens adquiridas devem ir muito além do aluno saber ligar e desligar o computador, ou mesmo, saber utilizar a internet (COLL; MONEREO, 2010), pois se os ensinamentos se limitarem a isto, não está se desenvolvendo uma prática pedagógica voltada à compreensão e construção do conhecimento.

Neste contexto, a tecnologia aproxima o estudante do seu papel social, que para Almeida (2005) está relacionado à solução de problemas. Para a autora, faz-se necessário o desenvolvimento de situações de aprendizagem construídas com o intuito de despertar no aluno a consciência de cidadão, voltado não apenas aos seus problemas, mas aos problemas da sociedade.

Pode-se dizer que a alfabetização atual deve necessariamente incluir novas práticas e melhorar as existentes. Nesse sentido, surgem novas formações, voltadas para compreender melhor a alfabetização e assim, compor um trabalho de qualidade no ambiente escolar. Tijiboy (2001, p. 53) retoma essas questões abordando fatores essenciais às novas concepções de ensino:

Reflexões a esse respeito apontam para mudanças substanciais no que diz respeito ao conhecimento, às relações entre os envolvidos, ao contexto educacional, às concepções do que é ensinar, ao papel da escola, do professor e do aluno.

Neste sentido, Ferreiro (2001, p. 17 apud COLL; MONEREO, 2010, p. 296), igualmente apresenta a ideia de que além de buscar constantemente alfabetizar os alunos agora, vivendo-se a cibercultura, é preciso estar alfabetizado para o computador e para a internet. A escola deveria acompanhar essa evolução, incorporando novos sistemas de ensino, novos métodos, assim como propiciar aos docentes o acesso às formações voltadas para este fim.

Apoiada nestes pressupostos teóricos, a atividade desenvolvida com alunos como parte desta monografia sugere tanto a utilização de métodos que já vêm sendo usados nas escolas como práticas habituais na alfabetização - a linguagem oral e escrita - quanto a inclusão das tecnologias. Constitui-se em uma proposta que utiliza uma prática comum à sala de aula, a hora do conto, desafiando os alunos a recriarem as histórias contadas utilizando para isso o computador.

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste capítulo apresentam-se o objetivo geral e objetivos específicos da atividade/proposta pedagógica realizada com os alunos, a metodologia utilizada, as produções textuais dos alunos (releituras) e o cronograma.

5.1 Objetivo Geral

- Observar e refletir sobre a contribuição que a metodologia combinando histórias infantis clássicas, atividades de releituras e tecnologias trazem à alfabetização

5.2 objetivos Específicos

- Desenvolver e estimular a leitura e escrita;
- Avaliar a contribuição de um editor de texto para a alfabetização em tarefas de reescrita.

5.3 Sujeitos

O presente trabalho envolveu cinco crianças de uma escola da rede municipal de Canoas. Três eram do sexo feminino e duas do sexo masculino, todos alunos da mesma turma de 2º ano. Sua faixa etária era de sete anos.

No Anexo B, constam algumas informações sobre os alunos a partir da entrevista realizada antes da atividade de releitura, como forma de conhecer suas experiências anteriores com a tecnologia, a leitura e a escrita, bem como, suas preferências nesta área, sendo que os nomes verdadeiros foram preservados.

5.4 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se caracteriza por ser um estudo exploratório que visa responder à seguinte questão de pesquisa: Que contribuição as

tecnologias de informação e comunicação podem aportar à alfabetização, ao visar-se a autoria do aluno em atividades de releitura?

A proposta (experiência) aqui relatada foi desenvolvida envolvendo cinco educandos e a utilização combinada de livros impressos e mídias tecnológicas em atividades de reescrita, incentivando a autoria desses educandos, todos alunos da mesma turma de 2º ano do ensino fundamental, em uma escola municipal de periferia em Canoas. A partir desse contexto, este estudo analisa a contribuição que as TIC podem oferecer aos alunos para seu desenvolvimento e aprendizagem a partir do processo de construção do conhecimento na alfabetização, com base na autoria estimulada através de releituras, as quais proporcionarão aos alunos produzirem e tornarem-se autores adquirindo novos conhecimentos, pois conforme Pillar (2011, p. 14) “reler é ler novamente, é reinterpretar, é criar novos significados [...] é recriar o objeto, é reconstruí-lo num outro contexto com novo sentido”.

Revela-se importante observar que a releitura não é uma cópia, mas uma criação única e nesse sentido, segundo Rangel (1999) a releitura não requer copiar a obra escolhida, mas recriá-la sob um novo olhar do observador.

Dessa forma, **a primeira etapa** deste trabalho foi dedicada à apresentação de algumas histórias infantis clássicas a essa turma de 2º ano, com o intuito de lembrar enredos e personagens, bem como, propiciar o contato com histórias conhecidas, mas que darão continuidade ao processo de formação de leitores. A esse respeito, Kaercher (2001, p. 82) salienta a importância de incentivar o prazer por leitura desde cedo:

...acredito que somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo desse objeto, a história propriamente dita – com seus textos e ilustrações.

Na **segunda etapa** e ainda utilizando livros impressos, o objetivo da proposta foi exemplificar para os alunos o que são releituras, através de diversos modelos apresentados, seja com os já citados livros ou filmes elaborados com base nos clássicos infantis vistos anteriormente. Desse modo, através de atividades diferenciadas, buscou-se evidenciar para os alunos que a releitura nada mais é do que uma nova leitura ou ler novamente (RANGEL, 1999). Conforme a autora a releitura seria uma leitura mais atenta, procurando observar aspectos não lidos anteriormente, é nesse sentido que se propiciou tal exercício com os alunos, instigando sua autoria.

Com relação à definição de autor, Chartier (1998, p. 24) nos traz que “com a revolução eletrônica, as possibilidades de participação do leitor, mas também os riscos de interpolação se tornam tais que se embaça a ideia de texto, e também a ideia de autor”. O que pode significar uma inversão de papéis, de leitor e de autor, que antes era claramente separado, porém que aponta para uma revolução da autoria, em termos de produção de significados.

Na **terceira etapa**, inicialmente, foi realizada uma entrevista com os alunos a fim de inteirar a professora a respeito de seus conhecimentos e experiências relacionados com a tecnologia e também com a leitura e escrita. Após, levou-se os alunos à sala de informática para realizar suas releituras utilizando o editor de texto Word¹. Antes de começarem a reescrever a história foi solicitado que escrevessem seu nome completo e o alfabeto para se familiarizarem com o teclado e treinarem a digitação. Essa proposta foi realizada com cinco alunos apenas, em virtude do tempo, porém com pretensões de dar seguimento durante o ano todo com o restante da turma e possivelmente passe-se a utilizar ao invés do editor de textos Word um blog. Este próximo passo se daria, primeiramente, devido à maior segurança da professora com as tecnologias, em segundo lugar, para possibilitar a utilização de novos recursos tecnológicos pelos alunos e, finalmente, para compartilhar a atividade desenvolvida com outros professores e alunos, com o intuito de valorizar o trabalho desta turma e incentivar outros.

Para finalizar, na **quarta etapa** elaborou-se a entrevista final com os alunos como forma de obter informações sobre suas participações e impressões na atividade de reescrita utilizando o computador.

Trabalhou-se durante quatro semanas, cada semana teve quatro dias úteis para o desenvolvimento do trabalho, pois se excluiu o dia de planejamento da professora regente. Sendo assim, as atividades foram divididas em momentos como os descritos abaixo:

1º Momento: Apresentou-se aos alunos diversos contos clássicos infantis (os mais conhecidos) durante a hora do conto, possibilitando o manuseio dos livros e o contato

¹ Principal pacote de software para edição de texto (Word). Muitos computadores que usam o sistema operacional Windows já vêm com o software instalado. É necessário adquirir a licença de utilização, pois é um software proprietário.

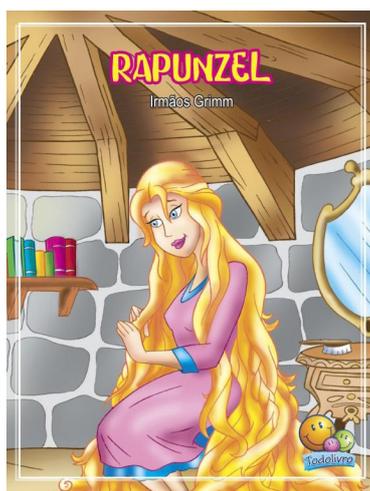
com material impresso. A atividade teve a duração de uma semana, todo dia, por um período de cinquenta e cinco minutos, no qual, após a leitura da professora, o aluno fez a sistematização do que aprendeu através de resumos das histórias, escritas no caderno. Os livros escolhidos foram: Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Os Três Porquinhos, A Bela Adormecida.

Figura 2 - Livro Chapeuzinho Vermelho



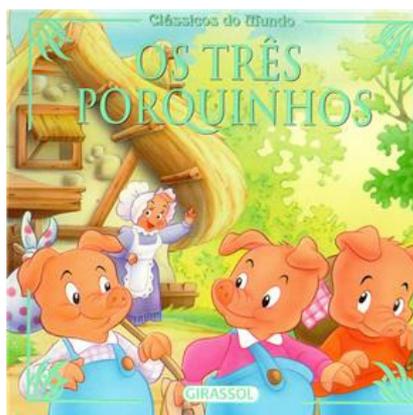
Fonte: <http://www.fnac.com.br/classicos-do-mundo-chapeuzinho-vermelho/p/649805>

Figura 3 - Livro Rapunzel



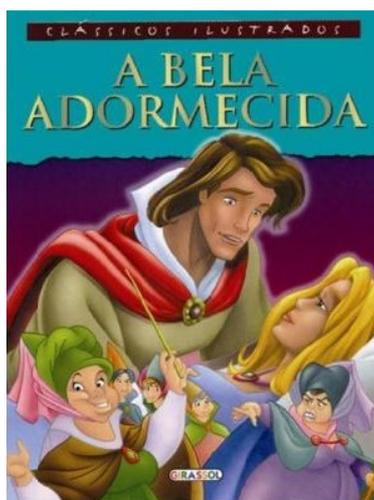
Fonte: <http://www.buqui.com.br/ebook/rapunzel-748354.html>

Figura 4 - Livro os Três Porquinhos



Fonte: <http://www.pontofrio.com.br/livros/LiteraturaInfantojuvenil/Infantil-de4a10anos/Livro-Os-Tres-Porquinhos-Colecao-Classicos-do-Mundo-Girassol-2522679.html>

Figura 5 - Livro A Bela Adormecida



Fonte: <http://www.fnac.com.br/a-bela-adormecida-classicos-ilustrados/p/60187>

2º Momento: A partir dos contos clássicos infantis, mostrou-se aos alunos algumas releituras existentes, através de filmes e livros. Abaixo, cada uma das opções oferecidas aos alunos e qual a metodologia utilizada:

1º Dia: Leitura do livro “Os Três Jacarezinhos” (releitura de Os Três Porquinhos) (Figura 6). Utilizou-se a releitura para comparar os personagens e fatos de cada um, através de uma conversa informal com os alunos sobre os personagens, os fatos ocorridos e as ilustrações, após a qual a professora fez o registro no quadro para os alunos desenvolverem um texto coletivo que pudesse esclarecer o conceito de

“releitura”, o que os alunos individualmente ou em dupla realizariam posteriormente no computador.

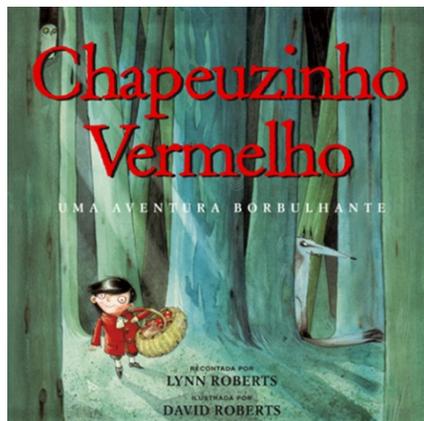
Figura 6 - Livro Os Três Jacarezinhos



Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/p/os-tres-jacarezinhos-22170039>

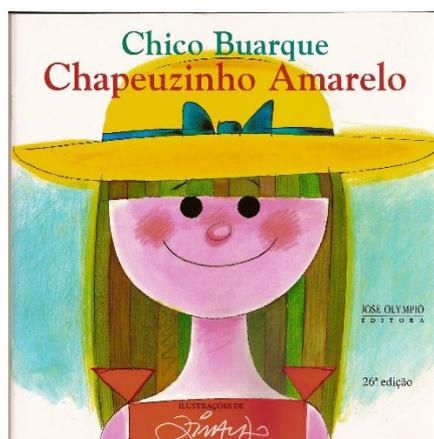
2º Dia: Leitura do livro “Chapeuzinho Vermelho (Figura 2) – Uma aventura borbulhante” (Figura 7) e “Chapeuzinho Amarelo” (Figura 8). Solicitou-se aos alunos uma releitura coletiva da história em folha específica fornecida pela professora, feitas à mão e corrigidas individualmente pela professora (Anexo D).

Figura 7 - Livro Chapeuzinho Vermelho – Uma aventura borbulhante



Fonte: <http://www.saraiva.com.br/chapeuzinho-vermelho-uma-aventura-borbulhante-2657672.html>

Figura 8 - Livro Chapeuzinho Amarelo



Fonte: <http://www.niceforkids.com.br/colunas/nina-krivochein/chapeuzinho-amarelo-de-chico-buarque>

3º Dia: Filme Malévola (trechos) (Figura 9) – releitura da história “A Bela Adormecida” (Figura 5). Após a apresentação de algumas cenas do filme, aquelas nas quais os alunos poderiam identificar a história original (como no momento em que a princesa Aurora toca na roca) houve uma conversa informal sobre as impressões do filme, os personagens e cenários, culminando em anotações pela professora dos pontos principais, segundo os alunos, para que todos notassem nos cadernos.

Figura 9 - Capa do DVD Malévola



Fonte: <http://www.elitedosblurays.com/malevola-dvd-r/>

4º Dia: Filme Enrolados – releitura da história de “Rapunzel” (Figura 3). Os alunos assistiram ao filme e fizeram o registro através de uma releitura da história com desenhos.

Figura 10 - Capa do DVD Enrolados



Fonte: <http://designx3.deviantart.com/art/Movie-Case-Tangled-200450650>

3º Momento: A partir da apresentação dos materiais selecionados (livros e filmes) um grupo com cinco crianças foi escolhido para realizar a releitura de um conto clássico infantil visto em aula. Definidos os alunos, uma entrevista inicial foi efetuada para fins de análise dos futuros resultados, com base nas suas preferências e nos seus contatos com as TIC. A escolha por uma das histórias trazidas anteriormente se deve ao fato de que os alunos terão mais subsídios para desenvolver a criatividade a partir do entendimento a respeito do assunto “releitura”. Para isso, as crianças utilizaram o editor de texto Word. Cada aluno fez o trabalho da seguinte maneira: Uma Dupla e três individuais. O número ímpar de alunos foi proposital para observar tanto o trabalho em dupla quanto o individual, bem como, as semelhanças e diferenças no desenvolvimento de cada um. A atividade foi realizada no período de planejamento da professora, em horário de aula, sendo esquematizada como abaixo:

1º Dia – 2 alunos / 2º Dia – 1 aluno / 3º Dia – 1 Aluno / 4º Dia – 1 Aluno

4º Momento: A professora realizou, individualmente, uma entrevista a fim de obter informações sobre o papel da leitura e escrita em relação à atividade apresentada. Perguntou-se sobre as facilidades e dificuldades no momento da escrita, o que os alunos

mais gostaram de escrever. Outra questão importante levantada no momento da entrevista diz respeito à interação do aluno com o editor de texto (sem tocar no assunto, perceber se o aluno citou o software) e da relevância da atividade para futuros planejamentos didáticos, projetando outras tarefas a partir das respostas dadas.

5.4.1 Produção textual dos alunos

Figura 11 - Releitura de Marcos e Lúcio

A chapéuzinho vermelho e a vovózinha

Era uma veis a chapeuzinho vremelho umaveis a mãe dela feis bolinhos e mando ela leva os bolinhos pra a vó dela e siguiu os atalios enfin chego na casa da vō dela e o lobo centíu chero dos bolinhos e ele viu q o chero ven da casa da vōvōzinha e ele bateu na casa da vōvōzinha e feis abri aporto e a chapeuzinho e viu q a vōis era do lobo e daí ela li gou pro casador e ele foi na casa da vōvōzinha e ele matou o lobo e vivero feliceas praccenpre e fin e meu nome e Marcos e Lúcio

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 12 - Releitura de Karina

Chapeuzinho vermelho

Chapeuzinho foi na floresta e' encontrou o lobo e ela deu um pulo para trais esaio corendo por toda parti gritando aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa apareseu amae dela o que qui foi filha mamae o lobo tala na floresta
fim chapeuzinho Karina

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 13 - Releitura de Yara

Era uma vez uma menininha chamada chapeu sinho vermeho a
 chapeu foi
 a caasa da vovó a vovó foori comida nhaqui era pelo loobo e a chapeu zinho falou que
 olho bem grande que voce tem é para olhar melhor ata que naris grande que voce tem é
 para te cherarr melhor ata e que booca grannde que voce tem é para te comer melhor
 aaaaaaa socorro e veio o casador e abriu a barriga e tirou a vovó e todos viverã felizes
 para sempre chapeu sinho vermelho

Yara

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 14 - Releitura de Juliana

A TERRA DO FAIS DE CONTA
 ERA UMA VES UMA MENINA CHAMAVA JUBI E ELA SO QUERIA TER
 FERIAS
 DE VERAO BOUAS MAS SEUS DOIS AMIGOS FORAMVIAJAR E
 ELA ESEU ERMAO FICARAO COM SUADINDA ELA DEU
 PREZENTES
 PARA OS DOIS E ISO FES JUBI PER SEBER QUE ELA DES
 CUBNBRIL
 QUE ELA PODIA TER FERIAS DE VERAMM NO OUTRO
 VERAO
 E ELES PASARAO ESTAS FERIAS PRO CURANDO O PE
 GRANDE
 E FIM

FAMILIA JULIANA EVERTON ANA SOFIA ADRIANO IGOR ELIAS
 FERNANDO JÉSSICA LAURO ANTONIO ROSA

Fonte: Elaborada pelo autor

5.4.2 Cronograma

Abaixo as atividades realizadas e respectivas datas.

Tabela 1 -Atividades realizadas

Atividades	06/04 a 10/04	13/04 a 17/04	22/04 a 28/04
Histórias clássicas infantis	X		
Releituras existentes		X	
Entrevista inicial e releituras dos alunos			X
Entrevistas finais			X

Fonte: Elaborada pelo autor

No seguinte capítulo far-se-á referência à produção textual dos alunos na medida em que se aponta para aspectos importantes observados.

6 ASPECTOS OBSERVADOS E DISCUSSÃO

Foi desafiador propor uma atividade que não estivesse relacionada com jogos, quase sempre a primeira opção destinada às crianças. A preocupação de Ferreiro (apud SANTOMAURO, 2013) sobre esse aspecto, sustenta nossa opção:

Não bastam laptops à disposição na sala, por exemplo, se eles só são usados para jogos – esses aplicativos certamente chamam a atenção da meninada, mas poucos proporcionam desafios e reflexões sobre a leitura e escrita.

Assim, a escolha foi uma proposta que envolve a reescrita, levando-se em consideração as mudanças no modo de ler e escrever ocasionadas pelas tecnologias, pois em momentos de reescrita, a criança pode conferir à história sua própria marca, passando da posição de ouvinte para autor, imprimindo à história que ele escreve suas experiências e subjetividades. A respeito das escolhas pedagógicas, Ferreiro (apud SANTOMAURO, 2013) destaca algumas contribuições que as tecnologias podem trazer ao ensino:

Deixam mais acessível uma grande diversidade de textos (o que é essencial para alfabetizar), dão mais autonomia ao aluno (já que ele tem à disposição ferramentas que apontam falhas na escrita independentemente das indicações do professor, como corretores ortográficos) e reforçam a ideia de que professores ou livros didáticos não são a única fonte de informação.

Dessa forma, considera-se que a proposta de trabalho desenvolvida com os alunos implica em uma valorização do livro impresso como contribuição para a leitura e escrita digital, e que esta se apoia em diferentes estruturas: oral, impressa e digital.

No entanto, diante dos vários estímulos visuais que a criança se acostumou a receber nos últimos anos, iniciar uma sequência didática a partir do livro impresso reflete o uso de diferentes linguagens na tentativa de integrá-las afinal, hoje, o livro se torna uma opção menos atraente.

Além disso, nesta fase de alfabetização, do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental, é importante frisar que a criança precisa ter contato com livros de enredos simples e com ilustrações que chamem a sua atenção e que promovam a sua autonomia. Kaercher (2001, p. 84) ressalta a relevância destes aspectos:

Nessa fase, **livros com grandes ilustrações**, que ocupem a maior parte das páginas, que contam a história – **permitindo que as crianças pequenas recontem a história** sem o auxílio do adulto – **são muito importantes e favorecem a autonomia da criança** frente ao livro. [grifo nosso]

Portanto, visando a autonomia e autoria dos alunos é que se pensou em utilizar clássicos infantis conhecidos dos alunos, como forma de deixá-los confortáveis em relação à interpretação de texto, compreendendo a história do início ao fim.

O fato de serem histórias vistas anteriormente em aula não iria interferir no desenvolvimento da atividade, pois segundo Goulemot (1996, p.16) “a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro”, dessa forma, uma releitura nunca será igual a uma leitura (RANGEL, 1999). Assim, com relação à escolha da história a ser reescrita, a maioria optou por efetuar a releitura de “Chapeuzinho Vermelho”, com exceção da aluna Juliana que perguntou se poderia escrever uma história inventada por ela, no que foi respondido que não haveria problema. A experiência que esta criança teve anteriormente com os livros mostrou-se nesta produção textual a partir do momento em que ela inventou sua própria história, fugindo de estereótipos pré-estabelecidos, utilizando-se de criatividade, autonomia e autoria, mas usando elementos de escrita presentes dos livros de história (“Era uma vez”... “Fim”).

Em relação ao trabalho desenvolvido, diversos pontos positivos foram observados no ato de escrever se comparados à escrita que utiliza lápis ou caneta e papel. Por exemplo, o texto digitado ao contrário do escrito à mão confere boa legibilidade, estética e visualização do que é escrito, proporcionando melhor entendimento por parte dos alunos, tanto para compreenderem sua própria letra, quanto à do colega com quem está trabalhando em dupla, pois não existe diferença de caligrafia. Em comparação com as releituras escritas à mão (Figuras 15 e 16), foi observado que na releitura digital (Figura 11) Marcos e Lúcio se ajudaram continuamente sem que fosse necessário confirmar com a professora o que estava escrito, conferindo maior rapidez à tarefa e liberdade de interação entre o par.

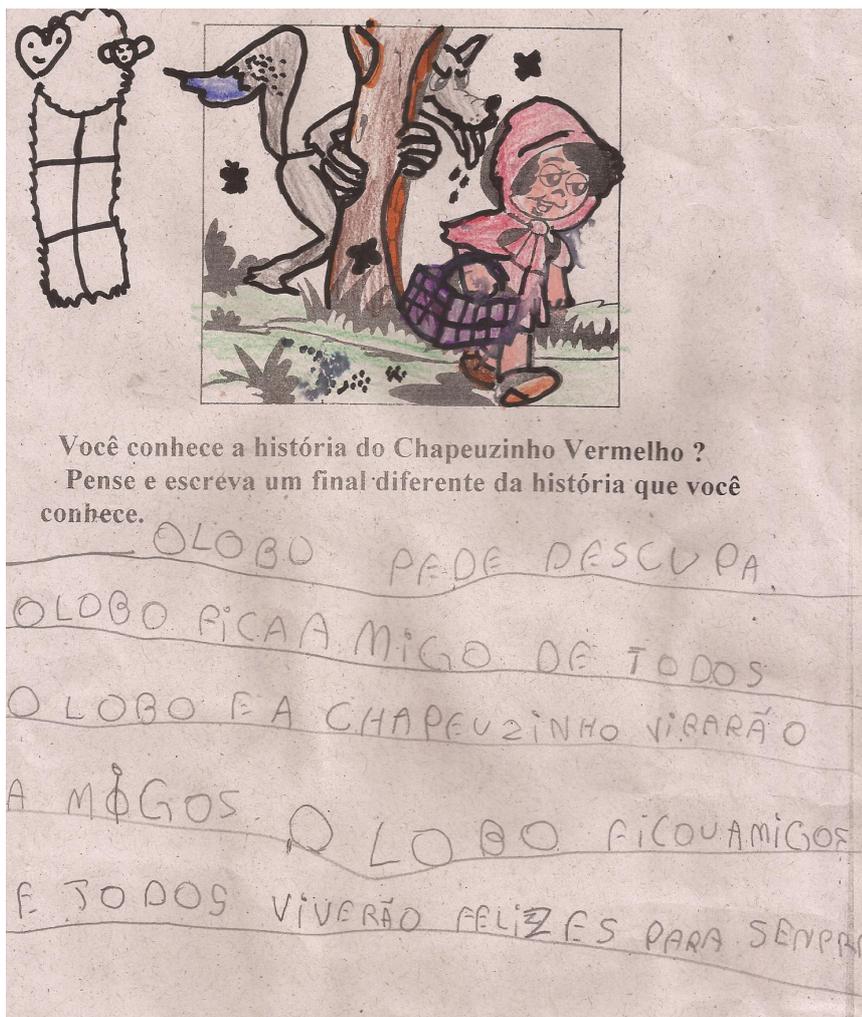
Figura 15 - Releitura de Marcos e Lúcio

A chapelzinho vermelho e a vovõzinha

Era uma veis a chapeuzinho vremelho umaveis a mãe dela feis bolinhos e mando ela leva os bolinhos pra a vó dela e siguiu os atalios enfin chego na casa da vó dela e o lobo centúu chero dos bolinhos e ele viu q o chero ven da casa da vovõzinha e ele bateu na casa da vovõzinha e feis abri aporto e a chapeuzinho e viu q a vóis era do lobo e daí ela li gou pro casador e ele foi na casa da vovõzinha e ele matou o lobo e vivero feliceas praccenpre e fin e meu nome e Marcos e Lúcio

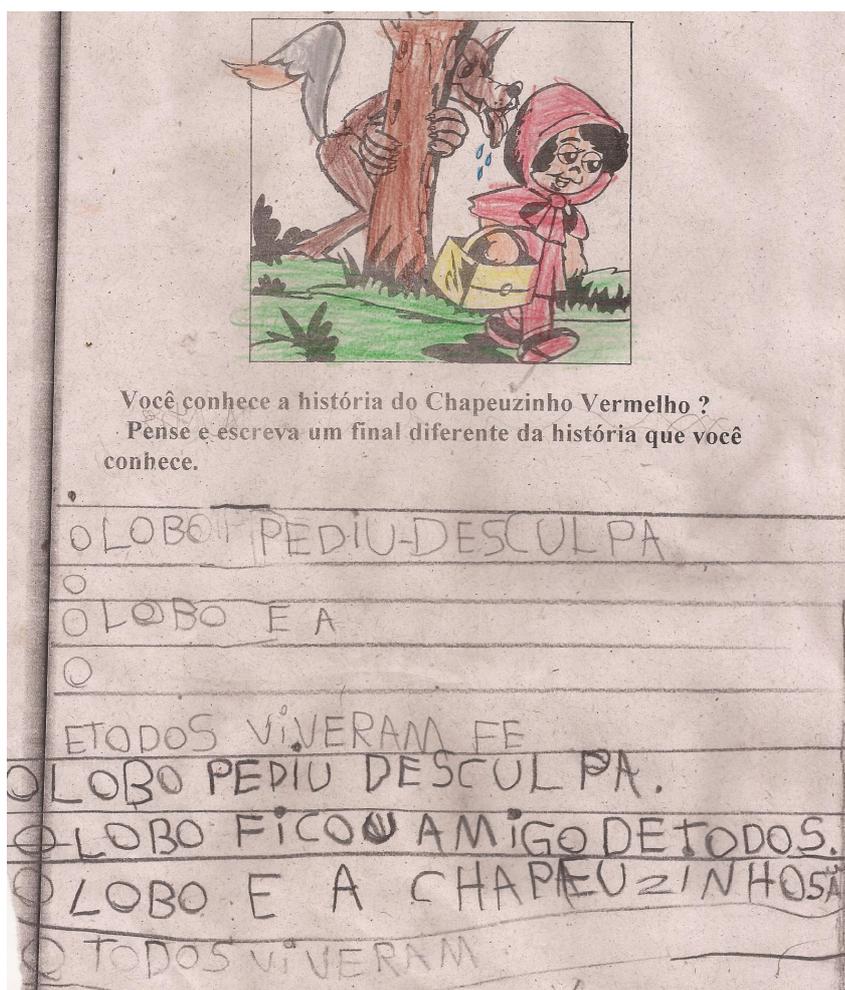
Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 16 - Releitura escrita à mão de Marcos



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 17 - Releitura escrita à mão de Lúcio



Fonte: Elaborada pelo autor

Outra questão relevante no momento da escrita digital é o fato dos educandos poderem escrever tendo todo o alfabeto visível em seu campo visual, eliminando a preocupação com o esquecimento de alguma letra. Ferreiro (apud SANTOMAURO, 2013) destaca este aspecto:

Diante do teclado o aluno usa as duas mãos para digitar e, em vez de traçar grafias, deve escolher uma das opções para apertar: **estão à disposição dele todas as letras possíveis para compor uma palavra** (um conjunto finito com uma disposição diferente da alfabética). (grifo nosso)

O aspecto observado por Ferreiro pode ser notado na experiência com base na ausência de dúvidas dos alunos quanto às letras utilizadas, diferente do que acontece em sala de aula quando as tarefas de escrita são realizadas à mão, nas quais os alunos constantemente perguntam sobre quais letras utilizar. Além do mais, nesta atividade, os

alunos tinham a liberdade de escolher se utilizariam letra maiúscula ou minúscula, no entanto, quase todos já sabiam como ativar e desativar uma ou outra letra (reafirmando suas experiências com computadores). A maioria dos educandos optou por utilizar letra minúscula, tentando diferenciar a primeira letra das frases, com exceção de uma aluna que escreveu com todas as letras maiúsculas.

Com relação ao uso específico do teclado, observou-se que os alunos focaram sua preocupação na escrita da história, procurando criar e escrever apenas, o que é comprovado pelo fato de que, com exceção de Yara, todos os outros não se preocuparam em separar com espaços as palavras. Com o acento das palavras não foi diferente, esta não era uma das preocupações das crianças, embora Marcos e Lúcio tenham perguntado como colocá-lo e Yara já soubesse como fazê-lo, ainda que a menina tenha esquecido o acento circunflexo na palavra “você”.

Figura 18 - Releitura de Yara

Era uma vez uma menina chamada chapeu sinho vermelho a
 chapeu foi
 a caasa da vovó a vovó foori comida nhaqui era pelo loobo e a chapeu zinho falou que
 olho bem grande que voce tem é para olhar melhor ata que naris grande que voce tem é
 para te cherarr melhor ata e que booca grannde que voce tem é para te comer melhor
 aaaaaaa socorro e veio o casador e abriu a barriga e tirou a vovó e todos viverã felizes
 para sempre chapeu sinho vermelho

Yara

Fonte: Elaborada pelo autor

Sobre o erro em si, percebeu-se que ao utilizar um editor de texto o aluno tem a seu favor a visualização rápida da palavra errada (palavra sublinhada pelo corretor do editor de texto usado) e a facilidade para corrigi-la, sem a necessidade de apagar várias vezes ou rasurá-la, como seria no papel. No entanto, é importante lembrar que nesta atividade não havia preocupações com as correções ortográficas.

Ainda em relação ao editor de texto, este permite a interação do aluno de um modo dinâmico e flexível, no qual a correção de erros torna-se automática ou visível. Portanto, pode-se dizer que a escrita em processadores de texto auxilia na apropriação da escrita, deixando o ato de escrever menos monótono ou cansativo. O esforço e a

atenção reservam-se às ideias que desejam comunicar-se em detrimento daquele que é despendido no ato de desenhar as letras quando se escreve à mão. O desenvolvimento da motricidade fina nestas atividades fica em segundo plano. Cabe esclarecer que a proposta no decorrer do ano letivo não seria realizar todas as atividades de escrita somente com o uso do computador, mas fazer uma combinação entre esse tipo de atividades e outros com lápis/caneta e papel.

Em consonância com esta última observação e referindo-se à escrita digital, Crystal (2002, p. 133, apud COLL; MONEREO, 2010, p. 61) afirma que a maioria dos erros ortográficos não distraem [o leitor] do conteúdo da mensagem. Além do mais, por se tratar de uma turma de alfabetização, convém lembrar que o erro faz parte e nesta etapa é visto como um processo natural, pois a alfabetização passa por diferentes níveis/hipóteses, tais como, pré-silábico, silábico, silábico alfabético, alfabético e alfabetizado (FERREIRO; TEBEROSKY 1999).

É relevante informar que todos os alunos que participaram da atividade estão alfabetizados, ou seja, já compreenderam o sistema de escrita, entendendo que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba faltalhes apenas dominarem as convenções ortográficas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

No entanto, apesar de todas as crianças estarem alfabetizadas, ainda não se apropriaram completamente das convenções ortográficas, como pode-se notar na releitura de Marcos e Lúcio (Figura 11), em palavras como “chero” e “chego” nas quais percebe-se a omissão das letras I e U, o que é compreensível pois trata-se de uma transcrição literal da fala.

Encontrou-se nestas releituras outras palavras nas quais percebe-se que o aluno omite alguma letra em função da fala ou nas quais podemos trocar algumas letras na pronúncia sem alterar o significado, é o caso das trocas de letras como L – U em “chapelzinho” (figura 11), S – C em “apareceu” (figura 12) e “perseber” (figura 14), E – I em “siguiu” (figura 11), “parti” e “qui” (figura 12), M – N em “enfin”, “ven” e “fin” (figura 11), Ç – S em “casador” (figuras 11 e 13), LI – LH em “atalios” (figura 11). Outras trocas de letras foram observadas como em RR – R em “corendo” (figura 12), Z – S em “naris” (figura 13), “ves” e “prezentes” (figura 14) pelas quais percebeu-se a falta de apropriação das convenções ortográficas.

Figura 19 - Releitura de Karina

Chapeuzinho vermelho

Chapeuzinho foi na floresta e' encontrou o lobo e ela deu um pulo para trais esaio corendo por toda parti gritando aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa apareseu amae dela o que qui foi filha mamae o lobo tala na floresta

fim chapeuzinho Karina

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 20 - Releitura de Juliana

A TERRA DO FAIS DE CONTA
 ERA UMA VES UMA MENINA CHAMAVA JUBI E ELA SO QUERIA TER FERIAS
 DE VERAO BOUAS MAS SEUS DOIS AMIGOS FORAM VIAJAR E ELA E SEU ERMAO FICARAO COM SUADINDA ELA DEU PREZENTES
 PARA OS DOIS E ISO FES JUBI PER SEBER QUE ELA DES CUBNBRIL
 QUE ELA PODIA TER FERIAS DE VERAMM NO OUTRO VERAO
 E ELES PASARAO ESTAS FERIAS PRO CURANDO O PE GRANDE
 E FIM

FAMILIA JULIANA EVERTON ANA SOFIA ADRIANO IGOR ELIAS
 FERNANDO JÉSSICA LAURO ANTONIO ROSA

Fonte: Elaborada pelo autor

Notou-se que a tarefa em ambiente digital parece proporcionar e estimular a criatividade, como no caso da menina que pediu para escrever a sua própria história, o processo de criação textual dela contribuiu para sua aprendizagem ao desenvolver sua autoria e autonomia através de personagens do seu cotidiano, os quais despertam algum

sentimento nela. Constatou-se esses elementos ao visualizar-se a introdução dos nomes de seus familiares ao final do conto (Figura 14).

Observou-se também a fácil localização por parte dos alunos no texto digitado ao conseguiram modificar frases escritas anteriormente por eles, demonstrando ser menos complexo visualizarem as sentenças digitadas, do que aquelas escritas no papel, no qual se não houver linhas, possivelmente, acabariam se perdendo e confundindo as frases.

Quanto ao gênero textual nas produções textuais dos alunos, observou-se que todos os alunos optaram por produzirem um texto do tipo relato associada a uma sequência de fatos. A maioria das crianças utilizou marcadores de abertura na história (era uma vez...), bem como, marcadores de fechamento (e viveram felizes para sempre) que são marcas linguísticas utilizadas na estruturação da história, para iniciá-la ou encerrá-la (LIMA, 2010), esses marcadores remetem à identificação com outras histórias ouvidas pelos alunos, servem como sugestão de como elaborar a narrativa. Segundo Perroni (1992) essas são as marcas mais frequentes e esperadas na narrativa infantil, demonstrando antecipadamente o que a criança espera da história, sendo que o marcador de fechamento serve como encerramento de um ciclo da narrativa.

Outros aspectos observados podem ser associados ao esquema de autoria adotado pelos alunos. Em sua releitura, Yara (Figura 13) denomina a personagem principal apenas como “chapéu”, a aluna não se preocupou com o título da história ou com esquemas pré-determinados, imprimindo autoria à escrita. Segundo Zaccur (2001) a história de sempre não é a mesma, mas uma nova versão em que à conservação da estrutura básica se superpõem diferentes graus de modificação. A mesma aluna utiliza uma onomatopeia, “nhaqui”, para marcar o momento no qual o lobo come a vovozinha, assim como na onomatopeia “aaaaaaaa” para designar um grito da personagem. Essa utilização se deu através do conhecimento de mundo que a criança tem de outras histórias que ouviu, leu ou mesmo de filmes, tendo demonstrado compreensão sobre o assunto. Demonstra que a aluna entende o significado de onomatopeia ainda que não tenha estudado isso formalmente. Oliveira (2009) define este momento através da significação e comunicação, resultantes da subjetividade do leitor ou do contexto cultural no qual está inserido.

Após a realização da atividade, informações sobre cada aluno foram obtidas através de entrevista, a fim de se obter dados sobre a leitura e escrita, especificamente

nesta atividade (Anexo C). Os questionamentos (Apêndice A) referiam-se às facilidades e dificuldades vivenciadas na escrita e o que eles mais gostaram de toda a experiência.

Nas respostas analisadas, três dos alunos (Lúcio, Marcos e Yara) disseram ter gostado de realizar a atividade porque gostam de escrever ou porque é legal escrever. Os relatos destes alunos demonstram o envolvimento das crianças com o ato de escrever, bem como, a pertinência de se continuar a realizar atividades deste tipo. Lúcio, Marcos e Juliana mencionaram que a parte difícil da atividade foi digitar, pois “as histórias eram grandes”, no entanto, observa-se que este aspecto se torna positivo se pensar na escrita à mão, a qual seria muito mais trabalhosa.

Para finalizar, a maioria dos alunos demonstrou interesse em jogar, desenhar e acessar a internet em uma possível continuidade da tarefa, apontando a relevância de se agregar outras atividades utilizando-se o computador em futuros planejamentos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de tecnologias digitais nos dias de hoje ganhou novas dimensões, não apenas no ambiente escolar, mas na vida cotidiana e em diversos setores nos quais se descobrem novos meios de comunicação e interação entre as pessoas. A alfabetização, mediada por essas tecnologias, reflete uma mudança necessária no processo de ensino/ aprendizagem como forma de incentivar a leitura e escrita, visando a autonomia e autoria dos alunos.

Diante dessa realidade, este trabalho buscou observar possíveis contribuições do computador como tecnologia digital em uma atividade de releitura de histórias infantis clássicas. Procurou-se promover uma situação de releitura escrita com lápis e papel e, posteriormente, de uma releitura aliada ao uso do computador. A partir destas atividades verificou-se o engajamento dos educandos, os quais demonstraram interesse, empenho e satisfação ao realizarem a escrita no computador.

A proposta com os alunos de releitura de histórias infantis clássicas utilizando o computador foi elaborada a partir da concepção de uma atividade que contemplasse a escrita e o uso das novas tecnologias. Desenvolver este trabalho com uma turma de alfabetização foi fundamental para observar possíveis contribuições dessa metodologia que envolve meios digitais na promoção da escrita dos alunos. Isto é, crianças que em um dia apresentavam receio e relutância na escrita espontânea na sala de aula, no contexto da experiência realizada conseguiram exercitar a criatividade e autoria.

A releitura oportuniza a autonomia para os alunos ao permitir que eles interpretem e imaginem. O livro impresso, por sua vez, propicia à criança uma relação afetiva, pois ao imaginar personagens e cenários, o leitor sente-se parte da história, conectando-se com o mundo da fantasia.

Além disso, hoje fala-se no leitor digital, que se mantém informado lendo não apenas nas redes sociais, mas também através de jornais e revistas digitais. Com a inserção desses novos gêneros é importante aprofundar a aquisição da linguagem escrita para que o aluno a domine cada vez mais cedo.

Sendo assim, a partir da introdução das tecnologias no cotidiano dessas crianças percebe-se um mundo novo descortinando-se para elas, com possibilidades infinitas de aprendizagens e inserção de novas culturas no seu cotidiano. Através da prática

desenvolvida, foi possível verificar o fascínio, aceitação e a facilidade que os alunos tiveram ao utilizar o computador.

A preocupação ortográfica não era o foco no momento da atividade, o que parece ter deixado as crianças à vontade para escrever, preocupando-se apenas com a criação do texto. O aspecto da ortografia, da correção, não é desconsiderado na apropriação da escrita, porém, ocorreria em um momento posterior para não inibir a vontade dos alunos de comunicar ideias, sentimentos ou questões que para eles são significativas. Aspectos observados trouxeram contribuições à análise, como o fato do alfabeto/teclado estar à disposição dos alunos para o desenvolvimento da escrita, deixando-os sem a preocupação de lembrar as letras, apenas localizá-las.

O papel do professor nesse desafio não foi menos importante, ele que muda sua função de transmissor da informação para orientador do trabalho em sala de aula, confere e estimula autonomia para os alunos e esclarece que as informações podem ser obtidas de diversas fontes, como livros e internet, pois ele é o responsável por orientar a busca de informações confiáveis. Percebeu-se que com um planejamento adequado é possível envolver e desafiar os alunos, de forma a fazê-los refletir sobre o conhecimento adquirido.

Acredita-se, com base na experiência desenvolvida, que as práticas de leitura e escrita aliadas aos recursos tecnológicos podem proporcionar avanços para a alfabetização e autoria, na medida em que oportunizam a criação e o desenvolvimento da autonomia em relação à escrita. O contato com as mídias, mas principalmente o bom uso delas, reforça a ideia de um ensino eficaz, apoiado em um trabalho bem fundamentado pelo professor.

Hoje, a alfabetização requer muito mais do que práticas de leitura e escrita, requer o entendimento dos novos conceitos de ensino e a inserção de métodos eficazes e motivadores para ensinar a ler e a escrever. Dessa forma, com computadores, tablets e lousas digitais tomando conta da sala de aula, é mais do que necessário, é imprescindível proporcionar momentos de reflexão sobre a alfabetização digital por parte dos docentes. Ter a tecnologia à disposição não é garantia de qualidade na educação, mais do que oferecer jogos e entretenimentos como um fim em si, é preciso estar preparado para utilizar os recursos da melhor forma possível, facilitando o processo de alfabetização e de autoria.

A partir do desenvolvimento desta atividade, percebeu-se uma mudança na própria postura e aprendizagem da professora e na confiança que esta começa a ter ao fazer valer-se das tecnologias em seu planejamento. Isto se confirma ao notar-se que o processo se iniciou com a utilização do Word e pretende-se trabalhar com blogs. Além disso, percebeu-se que utilizar as tecnologias atraiu o interesse dos alunos o que proporcionou à professora, autora desta monografia, maior segurança e motivação em propor coisas novas.

Ao que parece, as novas tecnologias estão causando um repensar da escola e sua inserção na esfera escolar, podem representar a ponta de um iceberg de mudanças ainda possíveis, que os educadores precisam descobrir, avançar e criar novas possibilidades. Portanto, fica aqui o convite para uma reflexão, para um pensar sobre como inovar atividades escolares mais condizentes com as características da geração atual de alunos – Homo Zappiens ou nativos digitais – para trabalhar a leitura e escrita (ainda presente e importante nos dias de hoje, na Era da Informação), através das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Letramento Digital e hipertexto: contribuições à educação.** In: *Inclusão digital*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. P. 171-192.
- BOELTER, Eguemar Luiz. **Tecnologia no Cotidiano.** *Gestão em Rede*, n. 74. P. 19-20. nov. 2006.
- BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis. **Integrando tecnologias no ensino de inglês nos anos finais do ensino fundamental.** São Paulo: Edições SM, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da Educação Virtual.** Porto Alegre: Artmed, 2010.
- _____; **Os educadores, as TIC e a nova ecologia da aprendizagem.** *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, 2014.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização:** Tradução Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco, Mário Corso. Artmed: 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GABRIEL, Martha. **Educ@r.** São Paulo: Saraiva, 2013.
- GOULEMOT, Jean Marie. **Da leitura como produção de sentidos.** In: CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- KAERCHER, Gládis. **E por falar em literatura.** In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis (orgs.). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. **Uma perspectiva sociocultural para o uso das tecnologias digitais.** *Presença Pedagógica*, v.19, n.109. p. 5-9. jan./ fev. 2013.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura:** Tradução de Carlos Irineu da costa. São Paulo: 1999.
- LIMA, Regina da Silva. **Letramento Literário e Visual: narrativas orais infantis através da leitura de imagens.** Porto Alegre: UFRGS, 2010. ____f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MORAN, José Manuel; **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. Textos Visuais e as Mediações Escolares: desenvolver a sensibilidade da criança. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani; MARTINS, Aracy Alves; PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça (Orgs.). **Escolhas (Literárias) em Jogo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. São Paulo: Martins Fontes: 1992.

PILLAR, Analice Dutra. (org). **Leitura e releitura**. In: PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PICCOLI, Luciana. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001). Tradução do artigo “Digital natives, digital immigrants”.

SANCHO, Juana María. **De geração Einstein a Geração Estúpida**. Pátio Ensino Médio, Porto Alegre, ano 5, n.18. p. 6-9. set./ nov. 2013.

SANTOMAURO, Beatriz. **A alfabetização do nosso tempo**. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, 2013.

RANGEL, Valeska Bernardo. **Releitura não é cópia**: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico. Florianópolis, 1999. Disponível em:< <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2534/1895>> Acesso em: 13 jun. 2015.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. Pedagogia dos multiletramentos. MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TORNAGHI, Alberto. **O que é cultura digital?** TV Escola/ Salto para o futuro. Rio de Janeiro: 2010.

TIJIBOY, Ana Vilma. **As novas tecnologias e as incertezas na educação**. In: Novas Tecnologias – educação e sociedade na era da informação. SILVA, Mozart Linhares da (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEEN, Win; WRAKING, Ben. **Homo Zappiens**: Educando na era digital. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ZACCUR, Edwiges. Conta Outra vez: a construção da competência narrativa. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS COM OS ALUNOS

ANTES DA RELEITURA:

- Tu gostas de ler e escrever? Por quê?
- O que tu mais gostas de ler?
- O que tu costumavas escrever?
- Tu tens computador em casa? Se não, que tipo de atividade gostarias de fazer no computador?
- Quanto tempo tu costumavas ficar no computador?
- Que tipo de atividade tu costumavas fazer no computador?
- Já fizeste alguma atividade de escrita no computador?
- O que é mais difícil na escrita do computador?
- Se tivesses que escolher, qual atividade gostarias de fazer no computador, escrever ou jogar? Por quê?
- Tu gostas de ouvir histórias? De que tipo?
- Que outras tecnologias tu tens em casa? (Televisão, internet, celular, videogame, TV a cabo...?)
- Como ou quem acha os jogos para você na internet?
- O que mais gostas na escola e o que menos gostas?

DEPOIS DA RELEITURA:

- Tu gostaste de reescrever a história no computador? Por quê?
- O que tu mais gostaste de escrever na história?
- O que foi mais difícil na atividade?
- Tu gostarias de fazer mais atividades em aula com o computador? Que tipo de atividade?

ANEXO A - RESPOSTAS DOS ALUNOS NA ENTREVISTA ANTES DA RELEITURA

Lúcio – Gosta de ler e escrever porque acha legal. Costuma ler livros e gibis. Gosta de escrever “emendado” em casa, com sua mãe. Tem um notebook em casa e costuma utilizá-lo quando chega da escola, à tarde. Suas atividades preferidas no computador são jogar e escrever. Gosta de ouvir histórias do Ben 10 e de escrever sobre seus desenhos preferidos, mas prefere jogar no computador pois escrever demora muito. Sabe encontrar sozinho os jogos na internet. Possui outras tecnologias em casa tais como, televisão, celular, videogame e TV a cabo. Na escola, gosta das aulas de informática e educação física.

Marcos – Acha ler e escrever legal porque nós aprendemos com isso. Tem preferência por ler gibis. Costuma escrever coisas sobre animais e objetos. Tem computador em casa, mas utiliza pouco, pois seu pai controla para que não fique muito tempo na frente da tela, é o pai quem procura os sites para o aluno. Quando está no computador, prefere jogar e desenhar, escrever é um pouco difícil pois ainda não sabe achar todas as letras. Gosta de ouvir histórias de aventura, guerra e ação. Possui outras tecnologias em casa como televisão, celular e TV a cabo. O que mais gosta na escola é os colegas e as professoras.

Karina – Para Karina, ler e escrever é uma coisa muito importante da escola. Costuma ler, na sua casa, livros e a bíblia. Gosta de escrever palavras, letras e continhas. Tem computador em casa e costuma utilizar um pouco pela tarde, quando volta da escola, mas pouco utiliza a internet, só quando o irmão mais velho está junto. No computador, gosta de escrever e jogar. Não acha difícil escrever no computador. Gosta de ouvir histórias da Mônica e da Magali. Possui outras tecnologias em casa como televisão e celular. O que mais gosta na escola é de escrever e de fazer continhas.

Yara – Acha divertido ler e escrever. Gosta de ler histórias infantis e de escrever cartinhas para sua professora. Não possui computador em casa, mas se tivesse, gostaria de utilizar para jogar, como o faz no celular de sua mãe. Gosta de ouvir histórias de princesas. Apesar de não possui computador em casa, existem outras tecnologias como

televisão, TV a cabo e, como dito anteriormente, celular. O que mais gosta na escola é das amigas, da professora e de aprender.

Juliana – Para a aluna, ler e escrever é bom para aprender. Gosta de ler histórias de princesas, como Frozen. Costuma escrever os nomes das pessoas de sua família e cartinhas para as amigas. Tem computador e passa bastante tempo jogando na internet, ela mesma encontra os sites que gosta. Gosta de escrever e não acha difícil, mas no computador prefere os jogos das princesas. Gosta de ouvir as histórias que o pai inventa. Possui outras tecnologias em casa como televisão, celular e TV a cabo. Gosta de tudo na escola.

ANEXO B - RESPOSTAS DOS ALUNOS NA ENTREVISTA DEPOIS DA RELEITURA

Lúcio – Gostou de reescrever a história no computador porque gosta de escrever. Gostou mais de inventar a história e o que achou mais difícil foi digitar. O aluno gostaria de, futuramente, jogar e desenhar no computador.

Marcos – Gostou da atividade porque acha muito legal escrever. O que mais gostou de reescrever foi o fim da história. O mais difícil foi escrever tudo, porque, segundo ele, era muita coisa. O aluno gostaria de fazer mais historinhas e desenhos na aula com computador.

Karina – Gostou de reescrever porque precisou pensar sobre as histórias que a “sora” contou. O que ela mais gostou de escrever foi o fim da história e o mais difícil foi o começo. Sobre outras atividades que gostaria de fazer no computador, a aluna disse demonstrou preferência por fazer continhas e jogar no computador.

Yara – Gostou da atividade realizada porque foi legal escrever. O que ela mais gostou de escrever foi quando o lobo se vestiu de vovó. Declarou que nada na atividade foi difícil e que ela gostaria de escrever mais histórias na aula, com o auxílio do computador.

Juliana – A aluna gostou da atividade porque fazia tempo que ela não mexia no computador. O que ela mais gostou foi do nome da sua história. Para ela, escrever foi bem difícil, pois sua história era muito grande e para outras atividades, gostaria de jogar na internet.

ANEXO C – RELEITURAS ESCRITAS À MÃO

Releitura escrita à mão de Karina



Você conhece a história do Chapeuzinho Vermelho?
 Pense e escreva um final diferente da história que você
 conhece.

O LOBO PEDIU DESCUSA
 O LOBO FICOU AMIGO DE TODOS
 O LOBO E A CHAPEUZINHO SÃO AMIGOS
 O CAÇADOR E O LOBO FICARÃO AMIGOS
 E TODOS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

DRE

Fonte: Elaborada pelo autor

Releitura escrita à mão de Yara



Você conhece a história do Chapeuzinho Vermelho?
Pense e escreva um final diferente da história que você
conhece.

O LOBO PIDIU DESCULPA.

O LOBO FICOU AMIGOS DE TODOS.

O LOBO E A CHAPEUZINHO SÃO AMIGOS.

O CAÇADOR E O LOBO FICARAM AMIGOS.

E TODOS FICARAM FELIZES PARA SEMPRE.

Fonte: Elaborada pelo autor

Releitura escrita à mão de Juliana



Você conhece a história do Chapeuzinho Vermelho ?
Pense e escreva um final diferente da história que você conhece.

O LOBO PEDIU DESCUZA.

O LOBO FICOU AMIGO DE TODOS.

O LOBO E A CHAPEUZINHO SÃO AMIGOS

O CAÇADOR E O LOBO FICARAM AMIGOS

E TODOS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE.

Fonte: Elaborada pelo autor